



INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

O Perfil das Primeiras-Damas de Moçambique

Cláudia Daniela Constance Leal

Mestrado em Estudos Africanos

Orientadora:

Doutora Edalina Rodrigues Sanches, Professora Auxiliar
ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Setembro, 2020



SOCIOLOGIA
E POLÍTICAS PÚBLICAS

Departamento de Ciência Política e Políticas Públicas

O Perfil das Primeiras-Damas de Moçambique

Cláudia Daniela Constance Leal

Mestrado em Estudos Africanos

Orientadora:

Doutora Edalina Rodrigues Sanches, Professora Auxiliar,
ISCTE- Instituto Universitário de Lisboa

Setembro, 2020

Agradecimentos

Agradeço à Professora Doutora Edalina Rodrigues Sanches por ter aceite o pedido de orientação desta dissertação. Foi um prazer trabalhar consigo, Professora! O processo foi longo e difícil, cheio de contratempos, mas em todos os momentos de dúvida e bloqueio o seu apoio foi um alento para mim. Obrigada pelas ideias e pelas correções e por ter acreditado no projeto!

Também quero agradecer de coração à minha família! Ao meu marido, por me incentivar e apoiar neste percurso académico, aos meus pais, pela paciência e por estarem sempre presentes, e aos meus quatro filhos pelas minhas ausências e pelo vosso carinho e compreensão.

Agradeço também aos professores do curso pela partilha de conhecimento, em particular à Professora Doutora Ana Lúcia Sá, que sempre me encorajou, e aos colegas, pela amizade e o tempo de convívio.

O meu muito obrigado ao colega Júlio Manjate, cujo apoio foi crucial no trabalho de campo, assim como à Artemisa Machel do Arquivo do Jornal Notícias em Maputo e também à minha afilhada Fernanda Leão que me acompanhou até aos locais mais improváveis.

O meu muitíssimo obrigado a todas as fontes que contactei e ‘chateei’ para obter o material de análise, em particular a Dra. Flávia Cuareneia, o Gilberto Repulane e a Dra. Meldina Bila.

Um especial obrigado ao Martins Marques da Editora das Letras pela revisão linguística do trabalho.

Um grande apreço também para todos os que me acompanharam nesta etapa, longa, mas muito enriquecedora, que me eleva a uma nova dimensão da investigação científica e da reflexão da condição da mulher moçambicana.

Resumo

Nos últimos anos tem havido um interesse crescente para investigar o papel e a influência das primeiras-damas no quadro dos estudos sobre representação, género e política. As primeiras-damas fazem parte da elite política, são figuras com poder e influência política que não foram eleitas e não prestam contas pelo seu trabalho. No entanto, estudos oriundos das diferentes regiões do mundo indicam que existe uma ampla variação nos papéis que as primeiras-damas podem desempenhar: enquanto umas circunscrevem-se aos papéis tradicionais (mãe e esposa) outras têm uma marcada intervenção social e política.

Este estudo procura contribuir para este debate a partir do contexto africano onde a política é habitualmente caracterizada pelo “big man rule”. Partindo da questão: “Qual o perfil das diferentes primeiras-damas moçambicanas?” e com base num acervo considerável de dados qualitativos, pretendeu-se descrever e identificar os perfis das primeiras-damas de Moçambique: Graça Machel (1975-1986), Marcelina Chissano (1986-2005), Maria da Luz Guebuza (2005-2015) e Isaura Nyusi (2015-presente). A análise comparativa revelou diferenças interessantes entre as primeiras-damas e ainda, que têm mais do que um perfil, sendo um mais dominante do que os outros. Assim, enquanto umas têm um perfil tendencialmente político, (Graça Machel e Maria Guebuza), outras encaixam-se sobretudo nos papéis femininos tradicionais – mãe e esposa (Marcelina Chissano e Isaura Nyusi). Esta investigação é pioneira no contexto moçambicano e contribui para posicionar o país no seio dos estudos comparativos sobre primeiras-damas e, na ampla literatura sobre género e política.

Palavras Chave: primeiras-damas, perfis, política, género, representação, femocracia, Moçambique, África;

Abstract

The interest to investigate the role and influence of the first ladies in the framework of studies on representation, gender, and politics is growing. The first ladies are part of the political elite, are figures with power and political influence who were not elected and are not accountable for their work. However, studies from different regions of the world indicate that first ladies are limited to traditional roles (mother and wife) or have a marked social and political intervention.

This study seeks to contribute to this debate from the African context where politics is usually characterized by the "big man rule. Starting from the question: "What is the profile of the different first ladies of Mozambique?" and based on a considerable collection of qualitative data, it was intended to describe and identify the profiles of the first ladies of Mozambique: Graça Machel (1975-1986), Marcelina Chissano (1986-2005), Maria da Luz Guebuza (2005-2015) and Isaura Nyusi (2015-present). The comparative analysis revealed interesting differences between the first ladies, who have more than one profile, being one more dominant than the others. Thus, while one has a profile that tends to be political (Graça Machel and Maria Guebuza) others fit mainly into the traditional female roles – mother and wife (Marcelina Chissano and Isaura Nyusi). This is a pioneer research from the Mozambican context that places the country within the comparative studies on first ladies and in the broad literature on gender and politics.

Keywords: first ladies, profiles, politics, gender, representation, femocracy, Mozambique, Africa;

Índice

<i>Agradecimentos</i>	<i>i</i>
<i>Resumo</i>	<i>ii</i>
<i>Abstract</i>	<i>iii</i>
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1. ESTADO DA ARTE	4
1.1. Contextualizando o estudo das Primeiras-Damas	4
1.2. Os perfis das Primeiras-Damas.....	6
1.3. O perfil das Primeiras-Damas africanas	9
CAPÍTULO 2. METODOLOGIA	13
CAPÍTULO 3. PRESIDENTES E PRIMEIRAS-DAMAS EM MOÇAMBIQUE – CONTEXTO POLÍTICO E INSTITUCIONAL	16
3.1. Quatro Presidentes e quatro Primeiras-Damas.....	16
3.2. O Gabinete da Esposa do Presidente da República (GEPR)	18
CAPÍTULO 4. BIOGRAFIAS E TRAJETOS DE VIDA	23
4.1. Graça Machel: Política (e Ativista Social)	23
4.1.1. Desempenho de Graça Machel (1975-1986).....	27
4.2. Marcelina Chissano: Esposa/Mãe (e Ativista Social)	30
4.2.1. Desempenho de Marcelina Chissano (1986-2005).....	34
4.3. Maria da Luz Guebuza: Política (Diplomata e Ativista Social)	37
4.3.1. Desempenho de Maria da Luz Guebuza (2005-2015)	42
4.4. Isaura Nyusi: Esposa/Mãe (Cerimonial e Ativista Social)	48
4.4.1. Desempenho de Isaura Nyusi: 2015-Presente	50
4.5. Conclusão: Primeiras-Damas de Moçambique em perspetiva comparada	53
CAPÍTULO 5. CONCLUSÃO	63
BIBLIOGRAFIA	65
FONTES	68
ANEXOS	70

Índice de tabelas

TABELA 1- TIPOLOGIA SOBRE AS PRIMEIRAS-DAMAS DA ÁFRICA AUSTRAL	10
TABELA 2 - A EVOLUÇÃO DO GEPR AO LONGO DO TEMPO.....	19
TABELA 3 – GEPR: PRIMEIRAS-DAMAS E CHEFES DE GABINETE	20
TABELA 4 - CLASSIFICAÇÃO DAS PRIMEIRAS-DAMAS MOÇAMBICANAS	56
TABELA 5 - ÁREAS DE AÇÃO E GRUPO ALVO.....	59
TABELA 6 - FOCO DAS ATIVIDADES DAS PRIMEIRAS-DAMAS DE MOÇAMBIQUE	60

INTRODUÇÃO

“Não existe um livro de instruções para as novas primeiras-damas dos Estados Unidos. Tecnicamente não é um trabalho, e também não é um título governamental oficial. Não é remunerado e não tem um conjunto específico de obrigações. É uma estranha espécie de sidecar da Presidência, um cargo que, no momento em que cheguei a ele, já fora ocupado por mais de 43 mulheres diferentes, cada uma das quais o desempenhara à sua maneira.” (Obama, 2018:321)

A tradição institucional das primeiras-damas nos Estados Unidos é longa e a mais estudada (Caroli, 1995 ; Watson, 1997) mas o facto de Michelle Obama se ter tornado a primeira-dama negra na Casa Branca, mediatizou ainda mais o seu protagonismo como símbolo de empoderamento político para as mulheres, em particular as afro-americanas que passaram a ver-se representadas na Casa Branca e na vida política (Badas & Stauffer, 2019).

Michelle Obama também se questionou sobre o que era ser primeira-dama de um país. Fez comícios, discursou, apelou ao voto, representou o presidente, defendeu causas, promoveu iniciativas culturais e realizou campanhas de impacto nacional e internacional. O seu perfil e a sua influência política perduram e há até quem defenda que tem potencial de candidata presidencial (InsideOut, 2019). Foi o que realmente aconteceu com Hilary Clinton que, depois de ser primeira-dama, se lançou ativamente na política e se tornou Senadora, Secretária de Estado e candidata presidencial pelos Democratas em 2016.

Tal como Michelle Obama ou Hilary Clinton, também Graça Machel, Marcelina Chissano, Maria da Luz Guebuza e atualmente Isaura Nyusi, as primeiras-damas de Moçambique, cada uma no tempo de governação do seu marido, exerceram um conjunto de funções que as tornaram socialmente, e em alguns casos, politicamente influentes. O objetivo do presente estudo é descrever o perfil das quatro mulheres que ocuparam o lugar de primeira-dama de Moçambique.

O presente estudo comparativo pretende analisar em que medida é possível distinguir perfis – mãe e esposa, cerimonial, político, diplomático, consultora, ativista social ou até a combinação de vários destes elementos – entre as primeiras-damas moçambicanas, recorrendo à tipologia oferecida por van Wyk (2017) criada para o contexto africano.

Esta investigação é relevante por vários motivos. Em primeiro lugar, para além de dados biográficos pouco mais se conhece sobre a influência social e política destas figuras da nação. Argumentamos que, mais do que esposas, “mamãs da nação” ou anfitriãs da Casa Presidencial, as primeiras-damas de Moçambique têm perfis que se distinguem entre si e que valem a pena ser estudados.

Em segundo lugar, o estudo das primeiras-damas é importante para compreender a relação entre género e política em África. Trata-se de uma posição com relevo e com potencial de representação simbólica (Pitkin, 1972) e cuja análise permite compreender de que forma os papéis e representações de género são negociados em diferentes posições de poder. As primeiras-damas têm um posto privilegiado e ainda que não tenham sido eleitas pelo povo não escapam ao escrutínio da opinião pública. Muitas continuam, após cessar funções, a desempenhar um papel relevante na vida política e social do país. Os trabalhos existentes demonstram, de acordo com a região geográfica, variadas e diferentes abordagens no estudo das primeiras-damas, sendo os Estados Unidos e a América Latina as regiões mais estudadas (Caroli, 1995; Guerrero Valencia & Arana Araya 2019).

Em terceiro lugar, em África, a literatura existente sobre os papéis tradicionais das primeiras-damas africanas é significativa, mas estudos sobre a sua influência política ou social ainda são muito escassos. Sobre Moçambique, em particular, diríamos que são inexistentes. (Casimiro, 2004)

Finalmente, embora existam publicações diversas sobre as primeiras-damas – biografias, entrevistas, revistas e artigos de jornais – a análise em termos comparativos da influência e do comportamento das primeiras-damas de Moçambique é inédita.

Consideramos assim que este estudo é muito importante pois permite uma análise mais aprofundada e analítica do perfil das primeiras-damas moçambicanas, ter uma perceção do seu poder como membro da elite política e analisar as diversas iniciativas realizadas, e perceber se se aproximam a um perfil mais interventivo politicamente ou não. Para além de contribuir para a literatura específica sobre as primeiras-damas, esta investigação acrescenta também uma mais-valia aos debates sobre representação, género e política em África.

Para o propósito deste estudo, partimos com a seguinte questão de investigação:
Qual o perfil das diferentes primeiras-damas moçambicanas?

Para responder à pergunta, esta investigação apoia-se num conjunto significativo de fontes qualitativas, nomeadamente artigos de imprensa, entrevistas na televisão, páginas pessoais nas redes sociais, biografias, revistas sociais, discursos e documentos oficiais que nos vão ajudar a identificar como as primeiras-damas se apresentam (na sua própria voz) e são representadas no espaço público (pelos *media*). Na base deste material serão então traçados os perfis das primeiras-damas moçambicanas que darão conta da sua influência.

Esta dissertação está organizada em cinco capítulos. No capítulo 1, efetuamos o estado da arte, identificando os principais estudos sobre as primeiras-damas e definindo o modelo de análise (tipologia) que irá orientar a nossa pesquisa. No capítulo 2, apresentamos a metodologia do estudo, nomeadamente os dados, o desenho comparativo e as (des)vantagens do uso de tipologias em investigação qualitativa. No capítulo 3, descrevemos o Gabinete da Esposa do Presidente da República (GEPR) para enquadrar a sua evolução ao longo dos diferentes mandatos. No capítulo 4, realizamos a análise empírica com vista a responder à questão de investigação inicialmente formulada. Começaremos primeiro por efetuar uma análise descritiva de cada primeira-dama identificando perfis dominantes e perfis secundários e apresentaremos depois uma comparação entre elas. Finalmente, no capítulo 5 sintetizamos as principais conclusões deste estudo apontando pistas para investigação futura.

CAPÍTULO 1. ESTADO DA ARTE

Neste capítulo, apresentaremos uma breve revisão da literatura sobre as primeiras-damas. Há estudos provenientes de regiões geográficas distintas e que abordam as primeiras-damas sobre várias perspectivas. Para o propósito do nosso trabalho, focar-nos-emos naqueles que dizem respeito ao papel e à influência destas mulheres na vida política e social do País.

1.1. Contextualizando o estudo das Primeiras-Damas

O estudo da relação entre género e política tem raízes profundas nas ciências sociais. Atualmente dispomos de investigações sobre várias regiões do mundo que nos permitem perceber e analisar a presença das mulheres no parlamento, nas comissões parlamentares e no governo nas diferentes regiões do mundo desde os EUA, Europa, América Latina, Ásia e África (Franceschet, Lenakrook & Tan, 2019; Tripp, 2013; Tripp, 2016; Bauer & Burnet, 2013; Bauer et al., 2017).

Os estudos sobre as primeiras-damas são menos frequentes, conheceram um franco avanço e expansão do escopo geográfico nos últimos anos (Wang, 2018; Sukarieth, 2015; Tozzo, 2004). É cada vez maior o interesse em analisar o papel, a influência e, principalmente, o contributo das primeiras-damas nos contextos políticos e sociais dos seus países e até da região em que se inserem.

As primeiras-damas, são as esposas dos Presidentes da República ou dos Primeiros Ministros, consoante o tipo de constituição e o sistema político de um país, um título conquistado somente pela relação familiar e não por eleição popular ou nomeação. Embora apolítica, a posição acarreta visibilidade pública e, por vezes, elevada a estatuto de celebridade, que ao longo dos tempos, foi aumentando com a performance das primeiras-damas e a institucionalização do seu gabinete de trabalho.

Vários autores argumentam que estudar as primeiras-damas é uma forma de analisar o papel das mulheres na vida política. Parry-Giles & Blair (2002) reportando-se ao caso americano, defendem que a primeira-dama é uma figura política por causa das atividades que desempenha no espaço político.

“As atividades das primeiras-damas, inclusive aquelas desenvolvidas fora da Casa Branca ou até privadas, podem ser entendidas em termos políticos porque derivam do espaço político que enquadrou simbolicamente o primeiro casal. A partir de tais espaços políticos, certas primeiras-damas engajaram-se em atos de política social, criando precedentes importantes para seus sucessores do século XX.” (Parry-Giles & Blair, 2002:568)

Robert Watson (2000) também salienta a contribuição política das primeiras-damas na Presidência argumentando que “eram tão competentes como os presidentes” e que “muitas executaram as suas responsabilidades públicas melhor do que os seus maridos desempenharam as suas funções de presidentes e, conseqüentemente, gozaram de um grau de popularidade igual ou superior” (Watson, 2000:6).

A primeira-dama pode ser vista como uma figura política, mesmo sem ter sido eleita e nem possuindo um poder executivo ou legislativo formal, mas cujo o desempenho representa ou desperta sentimentos na opinião pública. Assim, recorrendo aos estudos seminais de Hanna Pitkin (1972) sobre o conceito de representação, podemos supor que a função da primeira-dama pode ter efeitos em termos de representação simbólica, descritiva e substantiva. Em primeiro lugar, as primeiras-damas podem ser vistas como símbolos, “podendo de acordo com as circunstâncias representar a nação tal como uma bandeira o faz” (Pitkin, 1972:98). Em segundo lugar, uma vez que características como género, étnica, raça servem de base para a conexão entre representantes e representados (Pitkin, 1972:61), as primeiras-damas podem contribuir para a representação descritiva das mulheres na vida política. Finalmente, as primeiras-damas podem contribuir para dar mais visibilidade à agenda de género – tornando a representação mais substantiva. Os estudos que apresentamos na secção seguinte permitem observar alguns destes efeitos, no entanto, no contexto africano é preciso ponderar estas expectativas.

Ser primeira-dama é um paradoxo na luta feminista da mulher africana, pois por um lado, elas têm o privilégio de ter acesso ao poder e assim conseguir promover os direitos e oportunidades das mulheres; por outro lado, têm sido acusadas de marginalizar as mulheres e usá-las em nome dos interesses do regime. Argumenta-se, por vezes, que as instituições que as primeiras-damas dirigem são ‘femocratas’, ou seja, são “uma estrutura de poder feminino antidemocrática, que afirma que existe para o empoderamento da mulher comum, mas que é dominada por um pequeno nicho de

mulheres cuja autoridade provém do fato de estarem casadas com homens de poder ao invés de ações ou ideias próprias” (Bauer et al., 2017:3). Instituições femocratas são comuns em vários países no continente africano (Mama, 1995) e ofuscam a agenda de género.

O também chamado síndrome das primeiras-damas¹ é visto como um obstáculo grave à emancipação e ao empoderamento da mulher. Mulheres ativistas denotam que as primeiras-damas, se apropriam à força dos movimentos das mulheres e usam-nos para derrubar as forças da oposição; também se queixam da fácil mobilização de donativos que elas conseguem obter para os seus programas em nome dos cidadãos do país que depois são mal geridos ou desviados (Ibrahim, 2004).

No entanto, há muita esperança que a nova geração de primeiras-damas seja mais consciente. Ibrahim (2004:5) refere que existe “um potencial impacto positivo da síndrome das primeiras-damas na criação de oportunidades de organização de mulheres na política e na união de mais mulheres ativistas que tendem a crescer em números e com reconhecimento.” Assim, em África, como noutras regiões do mundo, importa analisar em perspetiva comparada qual tem sido o papel das primeiras-damas.

1.2. Os perfis das Primeiras-Damas

A maioria dos estudos sobre as primeiras-damas foca-se nos EUA e oferece tipologias interessantes e diversas sobre os diferentes papéis que as primeiras-damas podem desempenhar. Estes estudos, ajudam a compreender como cada uma personaliza e modela o cargo de forma única, e têm inspirado investigação noutras regiões do mundo, incluindo África.

Gutin (1989) por exemplo, ofereceu uma classificação das primeiras-damas norte-americanas na área da comunicação. O estudo com base em fontes primárias (entrevistas a duas primeiras-damas: Betty Ford e Lady Bird Johnson) e secundárias (artigos de imprensa de Florence Harding a Nancy Reagan), definiu, de acordo com o estilo de comunicação de cada uma, os perfis de dona de casa, anfitriã social e cerimonial, porta-voz emergente, representante do Presidente e conselheira.

¹ Fenómeno político referido pela 1ª vez em 1995 na conferência de Beijing que se refere à iniciativa tomada por “várias esposas de chefes de estado de assumir de forma independente e coordenada um papel na política internacional por via da sua posição de esposas dos líderes.” (Ibrahim, 2004:1).

O'Connor, Nye & Assendelft (1996) por sua vez, conduziram uma análise comparativa e sistemática da influência política de 38 primeiras-damas americanas considerando a frequência de um conjunto de atividades políticas (ex. discussão de política, participação em eventos e funções sociais, influência em processos de nomeação, influência sobre políticas públicas. Os seus resultados demonstram a evolução da posição da primeira-dama como influenciadora ou decisora política. Uma influência informal, mas persuasiva, que segundo os autores não deve ser descurada.

Alguns anos mais tarde, Robert Watson (2000) enuncia os onze deveres de uma primeira-dama: o de esposa e mãe, figura pública e celebridade, anfitriã social nacional, símbolo nacional da mulher, gestora da casa presidencial, angariadora de fundos, ativista social e impulsionadora de causas sociais, porta-voz da presidência e promotora de eventos presidenciais e do partido. Watson (2000) também aponta os chamados três P's da influência de uma primeira-dama: o político, o 'pillow' pela intimidade familiar e o público com os *media*. Este estudo demonstrou que a primeira-dama se tornou uma 'parceira política ativa' do presidente e que a sua influência também se estende à vida pública e à sua carreira política.

Wekkin (2000:606) sumarizou a partir de outras tipologias, os vários papéis de uma primeira-dama e os seus constrangimentos: a 'recruta' que é arrastada para a política pelo casamento, a 'protetora' que reflete a ajudante pré-feminista que promove a feminilidade, a 'cortesã' que é o acesso ao presidente e à elite política, a 'consigliere' que é a conselheira e confidente de todos os assuntos de Estado, a 'regente' que atua em nome do governante e com autoridade e a 'copresidente' conhecida como a parceira política do presidente. Para Wekkin (2000), a instituição da primeira-dama desperta várias percepções, tanto atrai o apoio popular e o da elite como também pode comprometer a administração.

Erickson & Thomson (2012), realizaram um estudo com base em 221 viagens de primeiras-damas a solo e com o presidente de 1961 a 2011. Os autores enumeram as várias tarefas das primeiras-damas enquanto diplomatas: acompanhante (que gere a credibilidade presidencial), rainha de beleza, representante do Presidente, emissária cultural, diplomata independente (gere as relações internacionais e promove os interesses nacionais), embaixadora de boa vontade, ativista social (gere os assuntos sociais). Erickson & Thomson (2012) trazem ainda a debate o conceito de desempenho das primeiras-damas como instrumento de visibilidade do seu papel diplomático, ao

qual definem como “*uma ação realizada perante testemunhas como discursos, entrevistas, oportunidades de fotos e outras.*” (Keith V. Erickson & Thomson, 2012:241)

Fora do contexto americano, têm surgido diversos estudos que também procuram descrever os papéis das primeiras-damas e a sua influência política. Analisando os países da América Latina, Valencia & Arana Araya (2019) defendem que o posto de primeira-dama é “uma excelente plataforma para acumular capital político e posteriormente aceder a postos de eleição popular” (2009:36). Consideram ainda que para se ter uma percepção da influência política das primeiras-damas é preciso conhecer o seu envolvimento e decisão nas políticas públicas, isto é, se “uma vez no posto, participam na conceção, direção e execução das políticas públicas” (Guerrero Valencia & Arana Araya, 2019:43). Assim, propõem uma tipologia de quatro perfis de primeiras-damas. As *políticas ativas* e as *conselheiras políticas* têm experiência política, mas enquanto a primeira não tem influência na implementação/elaboração de políticas públicas, a segunda tem uma elevada influência/participação. As *despolitizadas* e *políticas novatas*, não têm experiência política, e, respetivamente, não influenciam, ou influenciam moderadamente a implementação/elaboração de políticas públicas.

Os resultados deste estudo demonstram que a América Latina, é a região do mundo em que mais primeiras-damas participam na política, antes, durante e depois de ocuparem essa posição. De membros da elite política várias primeiras-damas tornaram-se depois candidatas e até, presidentes do país. “Entre 1999 e 2016, vinte ex-primeiras-damas lançaram-se 26 vezes como candidatas à presidência, vice-presidência ou ao Congresso, tendo sido eleitas em 19 ocasiões” (Valencia & Araya, 2019:32).

Um estudo sobre as primeiras-damas chinesas (Chao & Yahui, 2020) demonstra que estas partilham um traço em comum – o anonimato. Neste quadro, Peng Liyuan, esposa de Xi Jinping é considerada a 1ª primeira-dama da China, devendo a sua popularidade à sua trajetória como atriz e cantora de ópera e folclore nos anos 80 que a tornou num ícone. Peng Liyuan abandonou a sua carreira artística mesmo antes de se tornar primeira-dama, e modelou uma imagem da mulher chinesa como sofisticada, feminina, elegante, com estudos superiores e defensora de questões de género (Chao & Yahui, 2020). Em alguns estudos, Peng Liyuan foi ainda comparada com Michelle Obama tanto do ponto da projeção mediática (Chao & Yahui, 2020) como da sua

atuação em contexto diplomático e na construção de uma imagem nacional (Wang, 2018).

Encontramos ainda estudos sobre práticas das primeiras-damas no mundo árabe/muçulmano (Sukarieth, 2015). Um trabalho que analisa a Rainha Rania da Jordânia e Asma al Assad da Síria e que mostra como as representações e os papéis de gênero são múltiplos e contraditórios, pois não se confinam ao modelo binário modernidade versus tradição, mas variam também de acordo com a classe social, o contexto histórico e os programas político-económicos das estruturas governamentais.

De forma geral, os estudos comparativos das primeiras-damas trouxeram consideráveis e valiosos contributos às pesquisas sobre liderança política e o papel da mulher. São experiências que nos permitem olhar a evolução do estatuto da mulher em diferentes culturas, regiões e tempos.

O estudo das Primeiras-damas em África é recente e escasso. A pesquisa académica sobre liderança política e estudos presidenciais foca-se principalmente nos presidentes, nos regimes autoritários e nos golpes de estado (van Wyk, 2017). A seguir vamos conhecer a tipologia que dá a conhecer os papéis das primeiras-damas africanas.

1.3. O perfil das Primeiras-Damas africanas

No continente africano, van Wyk (2017) realizou um estudo exploratório sobre a influência política, o papel, as funções, as ambições e o impacto das primeiras-damas na África Austral. Van Wyk parte do modelo proposto por Watson (2000), mas reformulou-o em três sentidos. Em primeiro lugar, acrescentando mais dois P's à sua topologia: passado e patrocínio. O passado importa porque algumas primeiras-damas africanas são conhecidas como 'mamãs da nação' por estarem casadas com os líderes revolucionários que depois se tornaram presidentes: e.g. Graça Machel em Moçambique, Winnie Mandela na África do Sul, Sally Mugabe no Zimbabwe, entre outras. O patrocínio refere-se aos recursos que as primeiras-damas angariam e mobilizam para o funcionamento dos seus gabinetes e das suas atividades, e também ao apoio em paralelo, à agenda do presidente.

Em segundo lugar, van Wyk (2017) salienta a importância não apenas dos aspetos informais, ou das cenas de bastidores (designados de pillows por Watson), mas

também das “instituições políticas (a constituição e o poder constitucional do presidente; campanhas presidenciais, ações relacionadas com partidos políticos e os media, questões legais e constitucionais relativas ao seu gabinete, a localização desse mesmo gabinete) e fatores socioculturais (o papel da mulher, o género, a família na sociedade e a cultura) que variam de país para país” (J.A. van Wyk, 2017).

Em terceiro lugar, van Wyk (2017) considera que as primeiras-damas da região não se limitam aos deveres enumerados por Watson (2000) nem às responsabilidades citadas por O’Connor, Nye e Van Assendelft (1996). “O papel contemporâneo das primeiras-damas da região austral de África também é de consciencialização social” (van Wyk, 2017:8). Embora os media muitas vezes reforcem estereótipos de género, as primeiras-damas, enquanto símbolo político, “transformaram-se de meras anfitriãs das casas de Estado ou rainhas da beleza, para porta-vozes das agendas políticas dos seus maridos” (Van Wyk, 2017:4). Muitas vezes assumem mesmo agendas independentes e lançam as suas próprias fundações e iniciativas em prol do desenvolvimento do país (ibid). Van Wyk (2017) propõe, então a seguinte tipologia no estudo que realiza sobre as primeiras-damas africanas:

Tabela 1- Tipologia sobre as Primeiras-Damas da África Austral

Tipo	Função	Implicações
Esposa e Mãe	Pouco ou quase nenhum poder político; mãe da nação	Subserviente, mulher troféu, sinal do baixo estatuto da mulher na sociedade patriarcal, reforça o poder do marido; fortes estereótipos de género
Cerimonial	Representa ou acompanha o Presidente nos eventos oficiais e nas funções	
Política	Exerce funções políticas no parlamento, governo ou no aparelho de Estado; faz campanha para a reeleição do Presidente, é porta voz e conselheira na implementação das políticas públicas, participa em conferências do partido, tem ambições políticas	
Consultora-políticas públicas	Confidente pessoal do Presidente, conselheira sénior principal, participa em encontros de decisão	Vista como politicamente ambiciosa, com influência e interferência política, não é responsabilizada pelo eleitorado;
Diplomática	Acompanhante presidencial, emissária cultural, diplomata independente, embaixadora de Boa Vontade	

Ativista social “socialmente consciente”	Fundação e agenda de desenvolvimento própria, ativista de assuntos sociais	Pioneira; atrai fundos do Governo ou de doadores independentes para propósitos pessoais ou políticos
--	---	--

Fonte: van Wyk (2017:8)

Van Wyk (2017) conclui que esta tipologia reflete dois tipos de primeira-dama: a subserviente, de quem se espera determinados papéis femininos como o de mãe e esposa e a quem se associa ser produto de uma sociedade tradicional no que diz respeito aos direitos e o estatuto social da mulher, e a politicamente ambiciosa, que reforça a posição do marido e o seu poder e que poderá significar que provém de uma sociedade em que se promove o empoderamento da mulher.

Um exemplo de um perfil de liderança política forte, será o de Margaret Kenyatta, esposa do 4º presidente do Quênia, Uhuru Muigai Kenyatta. Segundo van Wyk (2018), Margaret Kenyatta deu um contributo assinalável na proteção e preservação dos recursos naturais, em particular no combate ao comércio ilegal do marfim e outros produtos no Quênia, e “foi a primeira-dama africana a quebrar com os papéis tradicionais das primeiras-damas ao incluir na sua agenda questões de sustentabilidade ambiental” (van Wyk, 2018:348). Com efeito, Margaret Kenyatta teve um papel de liderança política determinante a nível político, social e ambiental que mobilizou não só a mulher queniana, como também as comunidades locais e o mundo, que a reconheceu como uma ferrenha ativista ambiental. A nível político, Kenyatta usou a sua influência para mobilizar o presidente do país e as organizações internacionais ambientais e angariar fundos para as suas iniciativas. Van Wyk (2018) refere que o tema da sustentabilidade ambiental tornou Kenyatta numa diplomata ambiental que chegou a abrir grandes conferências das Nações Unidas e do Banco Mundial. A primeira-dama do Quênia chegou até a sensibilizar os países da região nos esforços de proteção do elefante e do tráfico ilegal.

Outro exemplo relevante é o de Rosine Vieyra-Soglo que entrou na política como primeira-dama e líder do partido “La Renaissance du Benin” que ajudou a eleger o seu marido, Nicéphore Soglo como Presidente do Benim, em 1991, tornando-se mais o maior partido da oposição do país. Rosine Soglo criou, a partir da imagem carismática e modernista do seu marido, uma empresa política e familiar ‘clientelista e nepotista’ (Tozzo, 2004). Considerada uma dama de ferro de personalidade forte, Rosine Soglo desafiou o machismo da sociedade beninense e contribui até para “a mudança social em matéria de participação das mulheres beninenses nos assuntos públicos. Depois da ex-

primeira-dama, duas outras mulheres tornaram-se chefes de partidos políticos. Em 2001, Marie- Elise Gbédo candidatou-se às eleições presidenciais” (Tozzo, 2004:21). Foi também graças a Rosine Soglo que em 2003, o Conselho de Ministros do Benim nomeou um Chefe de Gabinete para a primeira-dama do país. Um ato que reconhece o estatuto e a institucionalização do cargo no país.

No entanto, o exercício de um papel mais político é condicionado por muitos fatores, nomeadamente o facto de não terem sido popularmente eleitas ou apontadas como interlocutoras da política doméstica e externa (van Wyk, 2017). Para além disso, observa-se que algumas primeiras-damas não prestam contas das suas ações, sobretudo quando estas colocam em risco o desenvolvimento socioeconómico dos seus países (J.-A. van Wyk, 2017). Com efeito não se conhecem os orçamentos e nem a proveniência dos montantes dos donativos feitos aos gabinetes das primeiras-damas. Especula-se sobre a falta de transparência na gestão, a existência de lideranças neopatrimonialistas e clientelares e atos de corrupção que nunca são averiguados (van Wyk, 2017).

Ainda assim, van Wyk refere que as primeiras-damas da região austral têm influência política: “têm capacidades pessoais, políticas e estruturais para penetrar na política doméstica, regional e internacional. Essas capacidades permitem-lhes regular relações sociais, captar recursos como o apoio político, concursos e fundos governamentais e apropriar-se de recursos materiais ou recursos imateriais e prestígio públicos ou privados” (van Wyk, 2017:14).

É com base no modelo teórico de van Wyk (2017) que propomos analisar o perfil das primeiras-damas moçambicanas. É um modelo conceptualmente mais abrangente, permite captar várias dinâmicas do papel das primeiras-damas e já foi aplicado noutros países africanos o que nos permite estabelecer comparações pontuais com o presente estudo.

CAPÍTULO 2. METODOLOGIA

Neste capítulo apresentamos a metodologia que irá ser implementada para responder à questão de investigação: *Qual o perfil das diferentes primeiras-damas de Moçambique?*

Como referido anteriormente, iremos conduzir uma análise comparativa dos perfis das quatro primeiras-damas moçambicanas com base na tipologia proposta por van Wyk (2017). O método comparativo é um dos mais consagrados métodos das ciências sociais e permite analisar e contrastar diferenças num conjunto controlado de casos. De acordo com David Collier (1993:105), a “comparação é um instrumento de análise fundamental. Aperfeiçoa o nosso poder de descrição e desempenha um papel central na formação de conceitos focando supostas semelhanças e contrastes entre os casos.” O método comparativo é especialmente pertinente na presente investigação, pois permite: identificar diferenças/semelhanças nos perfis das primeiras-damas moçambicanas, e testar a aplicabilidade de uma tipologia que já foi utilizada noutros estudos. Adicionalmente, sendo o número de observações baixo, é possível realizar análises finas e detalhadas.

As tipologias também são ferramentas de análise muito utilizadas em pesquisas qualitativas, mas não exclusivamente. Existem diversas tipologias conforme o objetivo passe por descrever, categorizar ou explicar os casos ou conceitos. (Collier et al., 2012; Bennett & Elman, 2006). A tipologia de van Wyk (2017) enquadra-se no tipo descritivo e categorial na medida em que as dimensões procuram descrever o fenómeno em análise (i.e. perfis) e categorizar cada caso (i.e. primeira-dama) num (ou mais) desses perfis (Bennett & Elman, 2006:466). Neste estudo, olhamos para as atividades das primeiras-damas com o objetivo de descrever e identificar os perfis que mais se adequam a cada uma. A análise permitirá detetar se o perfil foi mais político, social ou até mesmo tradicional.

As tipologias têm vantagens: elas são cruciais para formar e refinar conceitos e para categorizar, ordenar e medir casos (Collier et al., 2012:217) e são úteis porque descrevem características dos fenómenos sociais, classificam e alocam-nas em casos específicos (Bennett & Elman, 2006). No entanto, o seu ponto fraco é a sua precisão. A tipologia simplifica demasiado a realidade social e tem um carácter nominal, ou seja, ‘é ou não é’. O que não dá espaço para outras possibilidades e análises mais multidimensionais (Collier et al., 2012). Cientes desta questão, e sabendo que as

primeiras-damas desempenham várias atividades, utilizaremos a tipologia de van Wyk (2017) de forma dinâmica e exploratória, ou seja, não assumindo com rigidez os perfis propostos. Como veremos mais adiante, é possível identificar perfis dominantes e perfis secundários para cada uma das primeiras-damas.

Com o objetivo de responder à questão de investigação realizamos um conjunto de tarefas com vista à recolha de dados. Efetuamos o trabalho de campo em Maputo, Moçambique, entre Março e Setembro de 2019, nas duas ocasiões totalizando um total de 30 dias. Tentámos recolher o máximo de material possível dado que surgiram, entretanto, alguns imprevistos, como o ciclone IDAI que condicionou o contacto com as fontes.

Numa primeira fase, prevíamos fazer entrevistas às próprias primeiras-damas, aos seus chefes de gabinete e colaboradores e, inclusivamente, elaboramos um breve questionário que foi entregue por e-mail às secretárias das mesmas e pessoalmente no Gabinete da atual primeira-dama. Infelizmente, não foi possível falar com nenhuma das primeiras-damas: Graça Machel por estar ausente do país, Marcelina Chissano por razões de doença, Maria da Luz Guebuza por razões de afastamento da vida pública e de Isaura Nyusi não recebemos qualquer resposta.

Perante a impossibilidade de realizar entrevistas, pensámos de imediato numa outra abordagem: recolher toda a informação disponível sobre as primeiras-damas o que também se mostrou muito desafiante, mas possível graças ao apoio de pessoas próximas das primeiras-damas – ex-diretores de gabinete, assessores, repórteres, secretárias e familiares – a quem estou profundamente agradecida.

O material recolhido e detalhado (ver Anexo A) inclui artigos de imprensa, entrevistas nos órgãos de comunicação social, biografias, revistas especializadas, boletins informativos do gabinete da primeira-dama e declarações nas redes sociais. Trata-se de um volume de informações diversificado e com algumas limitações e potencialidades. Por um lado, não conseguimos recolher igual quantidade e qualidade de informação para todas as primeiras-damas, o que pode comprometer a comparação de alguns aspetos. Por outro lado, os dados que dispomos permitem retratar a imagem pública das primeiras-damas, tendo em conta a forma como são retratadas pelos media, mas também pela sua própria voz.

Estes dados constituem a matéria prima que irá guiar a narrativa deste estudo sobre as primeiras-damas moçambicanas. Uma narrativa que tanto quanto possível siga

uma sequência cronológica e coerente e que conte uma história que procure responder à questão inicialmente colocada. Estes dados mostram-nos o que as primeiras-damas fizeram e o que dizem, e também o que é dito sobre elas; são, por isso, tipicamente utilizados nas análises quantitativas pois permitem interpretar e “ajudar a perceber o significado do que se passa” (Gillham, 2000:10).

CAPÍTULO 3. PRESIDENTES E PRIMEIRAS-DAMAS EM MOÇAMBIQUE – CONTEXTO POLÍTICO E INSTITUCIONAL

Neste capítulo contextualizamos o tema das primeiras-damas em Moçambique. Apresentamos os mandatos em que as esposas dos Presidentes da República exerceram o seu posto e o propósito do Gabinete de trabalho criado especialmente para a primeira-dama apoiar o trabalho do Chefe de Estado.

3.1. Quatro Presidentes e quatro Primeiras-Damas

Moçambique é um país soberano desde 1975, data em que conquistou a independência contra o colonialismo português, e se autoproclamou uma república. Ao longo dos últimos 45 anos, este país da região austral de África, foi liderado por quatro chefes de Estado, todos pertencentes ao partido até hoje dominante, a Frelimo² – a Frente de Libertação de Moçambique, o movimento criado e chefiado por Eduardo Mondlane em 1962. Sucessivamente, Samora Machel, Joaquim Chissano, Armando Guebuza e Filipe Nyusi lideraram o país em fases marcantes na história política do país: da luta pela independência, à instalação de um regime de partido único no contexto de uma guerra civil prolongada (1976-1992), à transição para o multipartidarismo e o fim do conflito armado com a assinatura do Acordo de Paz em 1992 (Sanches, 2014).

Samora Machel, o primeiro Presidente, chefiou uma república orientada por uma ideologia marxista-socialista num período de partido único, e durante a guerra civil com a Resistência Nacional Moçambicana – Renamo (Sanches, 2014). A única mulher deste governo ocupava a pasta de Ministro da Educação e Cultura e era a sua esposa, Graça Machel. Samora Machel morreu 11 anos depois, em 1986, vítima de um acidente aéreo, e sucedeu-lhe Joaquim Chissano, que ao fim de 9 anos de governação foi legitimado no poder por eleições gerais em 1994. Segundo Sanches (2014:50) estas foram eleições especiais pois “pela primeira vez na história do país os moçambicanos tiveram o direito de escolher os seus líderes políticos (...) tratava-se do primeiro embate dos ex-

² A Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo) foi constituída em 1962 na Tanzânia e é o resultado da fusão de três movimentos: a União Nacional Democrática de Moçambique (UDENAMO); a União Nacional Africana de Moçambique (MANU) e União Nacional para Moçambique Independente (UNAMI). Eduardo Mondlane foi eleito presidente da Frelimo e Uria Simango, vice-presidente.(Chichava, 2008)

beligerantes nas urnas e (...) eram as primeiras eleições após a assinatura do acordo de paz e carretavam por isso o risco de retorno à guerra.”

Joaquim Chissano foi quem teve mais tempo de governação e chefiou uma república aberta ao multipartidarismo e ao mercado. Foi durante a sua governação que se criou o Gabinete da primeira-dama, ocupado por Marcelina Chissano, sua esposa. Ao fim de dois mandados, Chissano abdicou do poder, o que foi elogiado pela comunidade internacional pela quebra do tabu da longevidade do poder dos estadistas africanos (Lobo-Fernandes, 2005).

Armando Guebuza foi o terceiro presidente eleito de Moçambique, um político envolvido nos principais momentos históricos do país, como ministro do interior do Governo de Samora Machel, como mediador no processo de paz entre a Frelimo e a Renamo em 1992 e impulsionador de uma elite política empresarial moçambicana (Mosse, 2004). Durante a sua governação de dois mandatos Guebuza abriu portas a novos parceiros económicos como a China. Maria da Luz Guebuza, a sua esposa e primeira-dama encabeçou e mediatizou grande parte dessas parcerias e iniciativas.

Filipe Nyusi é o atual presidente do país e também este líder se tem debatido com grandes questões de governação como o atual conflito militar em Cabo Delgado, a instabilidade política com o partido da oposição, a gestão da dívida pública e o esclarecimento das dívidas ocultas que condicionam atualmente o financiamento da comunidade internacional (Sanches, 2020). Recentemente reeleito e, já no seu segundo mandato, Nyusi conta também com o apoio de Isaura Nyusi, sua esposa e primeira-dama que apadrinha inúmeras campanhas e causas sociais em nome do Governo.

Samora Machel, Joaquim Chissano, Emílio Guebuza e Filipe Nyusi encabeçaram os destinos de Moçambique porque lhes foi legitimado o poder presidencial. E embora, com visões, estratégias e um elenco de membros de Governo diferentes, todos tinham algo em comum: o apoio incondicional das suas esposas – as primeiras-damas. Por isso, conhecer as primeiras-damas mostra-se relevante para compreender o seu papel e influência durante os mandatos dos seus maridos.

Até à data, para além de dados biográficos pouco se sabe sobre estas mulheres. Este estudo pretende assim definir o perfil das primeiras-damas moçambicanas, conhecer a sua influência nas mais variadas áreas, incluindo na vida política.

3.2. O Gabinete da Esposa do Presidente da República (GEPR)

O GEPR foi criado no início da década de 90 e insere-se num processo idêntico ao ocorrido em outros países do continente africano (Casimiro, 2004). Contou com o apoio financeiro da agência das Nações Unidas – PNUD e a consultoria do Centro dos Estudos Africanos da Universidade Eduardo Mondlane (UEM) que já trabalhava questões Mulher/Género.

O GEPR é um dos gabinetes subordinados à Presidência da República de Moçambique, assim como o Gabinete de Protocolo do Estado e o Museu da Presidência da República. É uma instituição independente nas suas atividades que foi criada oficialmente através do decreto Presidencial n.º 27/90 de 10 de Setembro. Este decreto foi revogado sucessivamente pelos decretos presidenciais n.º 15/2005 de 14 Março; n.º 5/2008 de 19 de Junho e n.º 4/2015 de 20 de Fevereiro (ver quadro 2).

As principais alterações introduzidas por estes decretos relacionam-se com a gestão de recursos humanos, materiais e financeiros. Até ao decreto de 2008, todos os aspetos relacionados com recursos estavam fora do alcance do GEPR, mas com o decreto de 2015, só aqueles relacionados com a gestão de recursos humanos permanecem sem acesso. Mas existem outras mudanças: o decreto de 2008 estabelece que o GEPR é dirigido por um Diretor de gabinete, nomeado pelo próprio Presidente da República. No decreto de 2015, o Diretor de gabinete do GEPR passa a ter estatuto de Secretário de Estado e a organização e o funcionamento do gabinete são fixados por regulamento interno proposto pelo respetivo dirigente, no caso a primeira-dama. Esse regulamento é depois aprovado pelo Presidente da República nos termos do artigo 19 desse decreto e não precisa de ser publicado em Boletim da República (ver quadro 2).

O Secretário de Estado é uma nova função política aprovada por lei pela Assembleia da República (Boletim da República 31/05/2019). É o órgão que representa o Estado e o Governo central na província, com várias competências que para muitos políticos e teóricos chocam com os poderes do governador, que passou nas últimas eleições gerais, no âmbito da descentralização do poder, a ser eleito pelos cidadãos.

Para além do novo estatuto do diretor, também podemos verificar que o orçamento do GEPR, até hoje, ainda é suportado pela Presidência da República e que as suas competências sociais e culturais também permanecem as mesmas.

Tabela 2 - A evolução do GEPR ao longo do tempo

Decreto Presidencial	Mandato	Objetivo/ Mudança	Competências	Orçamento	Limitações
n.º 27/90 de 10 de Setembro (revogado)	Joaquim Chissano	Criação do GEPR Instituição subordinada à Presidência da República	Apoiar o Presidente da República Atividades sociais e culturais	Orçamento definido e suportado pela Presidência da República	Aprovação de atividades pelo PR ou Ministro na Presidência
n.º 14/2005 de 14 de Março (revogado)	Emílio Guebuza		Idem	Idem	Gestão de recursos feito por Secretário Geral da Presidência da República
n.º 5/2008 de 19 de Junho (revogado)	Emílio Guebuza	Diretor de Gabinete nomeado pelo PR	Idem	Idem	Ministro da Presidência gere recursos humanos, materiais e financeiros
n.º 4/2015 de 20 de Fevereiro (em vigor)	Filipe Nyusi	Diretor de Gabinete passa a Secretário de Estado	Idem	Idem	Gestão de Recursos Humanos feita pelo Ministro da Presidência (Casa Civil)

Fonte: elaborado pela autora

Podemos constatar, e as mudanças assim o sugerem, que hoje o GEPR tem mais autonomia e independência na gestão dos seus recursos materiais e financeiros, dando mais liberdade à primeira-dama para realizar as suas atividades. Apesar de ainda depender da gestão de recursos humanos pelo Ministro da Presidência que superintende a Casa Civil, o GEPR, em termos hierárquicos, é o que se encontra logo abaixo da Presidência da República (Anexo B).

De acordo com o boletim informativo do GEPR (s/d), do mandato de Maria da Luz Guebuza, a missão do GEPR é: “Promover um ambiente saudável e sustentável, exaltando as potencialidades dos indivíduos e comunidades para alcançarmos a

autonomia nacional;” (pág.5) e a visão é contruir “Comunidades vibrantes refletindo indivíduos criativos;” (pág.5).

As competências do GEPR são:

1. “Apoiar a Esposa do Presidente da República no exercício das suas funções oficiais, decorrentes desta qualidade”;
2. “Apoiar a Esposa do Presidente da República na realização de iniciativas de carácter social e cultural que ela decida desenvolver”;

E as atribuições de carácter social e cultural são:

- a) “Promover programas de desenvolvimento comunitário;”
- b) “Patrocinar, acompanhar e apoiar programas de assistência aos grupos vulneráveis, bem como outras ações desenvolvidas no âmbito social;
- c) “Promover a articulação permanente e desenvolver parcerias com as entidades governamentais e as não governamentais de forma a contribuir para dar um maior impulso à solução dos problemas socioeconómicos dos grupos vulneráveis;”
- d) Patrocinar, acompanhar e apoiar programas artísticos, culturais e desportivos promovidos por cidadãos nacionais;

O GEPR de Moçambique funciona há 30 anos e foi consolidando a sua ação ao longo do tempo. Hoje tem sede própria em Maputo e é ocupado por Isaura Nyusi e a sua equipa de trabalho (ver quadro 3).

Tabela 3 – GEPR: Primeiras-Damas e Chefes de Gabinete

Mandato	Primeira-dama	Chefe de Gabinete	ONG's que trabalham em articulação com GEPR	Sede do GEPR
Samora Machel	Graça Machel	Não existia gabinete	-	-

Joaquim Chissano	Marcelina Chissano	Joana Mangureira (Luís Soeiro)	- ONG Pró-Família (Dir. Meldina Bila)	-Gabinete no Palácio da Ponta Vermelha -Sede própria
Emílio Guebuza	Maria da Luz Guebuza	Flávia Cureneia (Carlos Mussanhane)	- Instituto Criança um Futuro	Sede própria
Filipe Nyusi	Isaura Nyusi	-Maria Isabel Manga -Anabela Pinho -Marla Dava	-	Sede própria

Fonte: elaborado pela autora

Neste quadro, preenchido com base nos dados colhidos no material de análise, podemos constatar que no tempo de Graça Machel não existia um Gabinete da primeira-dama. Tanto Marcelina Chissano como Maria da Luz Guebuza criaram as suas próprias organizações que trabalharam em nome do GEPR e tinham uma equipa de trabalho encabeçada por um diretor de gabinete. E que Isaura Nyusi já teve três chefes de Gabinete.

Casimiro (2004) que estudou, pela primeira vez, o funcionamento e a organização do GEPR, na sua Tese de Mestrado, refere que,

“a sua Direção Executiva compreende a Esposa do Presidente da República, Marcelina Chissano, e Joana Mangureira, como coordenadora. Tem cinco trabalhadores permanentes. Trabalha com várias mulheres – cerca de 550 – a quem foram atribuídos Fundos Revoluíveis de Investimento, entre 1990/95, e trabalha com extensionistas” (Casimiro, 2004:279).

A investigadora moçambicana refere também que,

“as despesas do Gabinete são suportadas pelo Orçamento da Presidência da República (art.º n.º 6). De acordo com Joana Mangureira, o seu montante

equivale a 20 milhões de meticais/mês (...), entretanto este gabinete tem recebido bastante apoio do PNUD, na sua fase inicial, da NORAD, da República Popular da China e mais recentemente, da União Europeia, sobretudo em relação à ONG que foi por si criada em 1996, intitulada Pró-família.” (Casimiro, 2004:278)

Para além de características femocratas, devido à ligação das dirigentes à elite no poder, as iniciativas, os projetos e as atividades que o GEPR desenvolve o tipo de apoio que presta, sobretudo a mulheres em situação vulnerável, de acordo com Casimiro (2004:285) “orientam-se por uma perspetiva assistencialista, de tipo ‘Mulher no Desenvolvimento,’ enquadrada na teoria da modernização, liberal burguesa, em que as mulheres das elites privilegiadas realizam trabalho para os mais pobres sem, contudo, se desafiar as relações de poder existentes, as relações opressivas de género e o acesso e controlo de recursos de poder.”

No próximo capítulo vamos conhecer cada uma das primeiras-damas e também o seu trabalho enquanto tal.

CAPÍTULO 4. BIOGRAFIAS E TRAJETOS DE VIDA

Neste capítulo trazemos a biografia e o trajeto de vida das primeiras-damas de Moçambique. Vamos através dos dados recolhidos, em particular as entrevistas e os depoimentos das próprias primeiras-damas sustentar os seus percursos de vida.

4.1. Graça Machel: Política (e Ativista Social)

Graça Simbine nasceu a 17 de Outubro de 1945 na aldeia de Incandine em Manjacaze, Gaza, a cerca de 260 km de Maputo. É a mais nova de seis irmãos e foi criada pela mãe depois da morte do seu pai, pastor metodista, um pouco antes do seu nascimento. A família empenhou-se nos seus estudos e uma missão protestante permitiu-lhe, depois de ganhar uma bolsa por ser boa aluna, seguir estudos superiores em Portugal, em 1968, onde concluiu o curso de Bacharelato em Filologia da Língua Alemã pela Universidade de Lisboa. (South African History Online)

“Eu fiz o primeiro e o segundo anos daquilo que se chamavam liceus. Eu era indígena, portanto, eu era indígena de uma África portuguesa, mas quando tenho que entrar para o terceiro ano do ensino, que eles consideravam o ensino secundário, sou forçada a criar a cidadania portuguesa porque eu não posso fazer o 3º ano sendo indígena. Forçada.” (Entrevista Fronteiras do Pensamento, 2019)

Em Portugal começou a formar a sua consciência política e filiou-se à Frelimo. Sob vigilância da Polícia de Intervenção e Defesa do Estado (PIDE) e com receio de ser presa pelas suas atividades políticas enquanto estudante viajou para a Suíça, abandonando assim os seus estudos. Voltou a Moçambique como professora e em 1973 depois foi para a Tanzânia onde fez treino militar. Graça Machel tornou-se num soldado raso e, em entrevista à revista Marie Claire (2016), refere que,

“no campo de treinamento, era a única universitária e uma das poucas que falava português, pois o resto das meninas só se comunicava em idiomas locais. Algumas das minhas instrutoras mal sabiam ler e escrever, por isso durante o dia recebia ordens; à

noite lhes dava aulas. Nesse período passei a entender o povo moçambicano.”
(Entrevista Marie Claire, 2016)

No Centro de Nachingwea, Graça Machel aprendeu como montar e desmontar uma espingarda. Neste período, em Cabo Delgado, conheceu Samora Machel que já era presidente da Frelimo.

“Eu tinha acabado de chegar da Europa...ele procurou-me com o objetivo de entender o cenário de Portugal (...) Samora me fazia muitas perguntas, queria entender tudo e tivemos debates muito interessantes. Acho que foi ali que começamos a nos descobrir como pessoas (...) começou a surgir uma certa química. Foi assim que nos aproximamos.” (Revista África 21, 2008)

Durante a guerra, a Frelimo construiu escolas nas zonas libertadas e nos campos de treino. Graça Machel foi nomeada a vice-diretora da escola secundária da Frelimo do Bagamoyo, na Tanzânia, em 1974. (South African History Online)

Com 28 anos, Graça Machel recorda-se de viver um momento único da história do país. Graça também se sentou à mesa de negociações com os representantes do Governo de Lisboa e da Frelimo, delegação chefiada por Joaquim Chissano, depois do 25 de Abril no momento em que se discutia a transição do poder para os moçambicanos.

“(...) porque a Frelimo fazia questão de integrar mulheres a todos os níveis, ao contrário do que acontecia na sociedade tradicional moçambicana e no regime colonial português.” (África 21, 2008)

Após a assinatura do Acordo de Lusaka em 7 de Setembro de 1974, que reconhecia a independência de Moçambique, Graça Machel integrou o Governo de Transição primeiro como Secretária de Estado e depois como Ministra da Educação e da Cultura. Em 1975 ingressou também no Comité Central da Frelimo, onde permanece até hoje, e casou com Samora Machel, um ano depois da assinatura do acordo de Lusaka, no dia 7 de Setembro de 1975. Em entrevista, Graça Machel descreve da seguinte forma a sua relação com Samora Machel e a iminência de se tornar primeira-dama.

“Eu apaixonei-me por um homem e via nele as qualidades humanas e a forma como ele sabia relacionar-se com os outros. Isto me cativou e, para dizer honestamente, eu tive um dilema muito grande em aceitar casar com Samora porque eu me apercebi que ele iria eventualmente tornar-se o Chefe de Estado e eu não me sentia capaz de assumir a responsabilidade de estar com alguém que tivesse tão alta responsabilidade. Nós tivemos discussões muito sérias (...) quando Samora chegou aqui (Maputo) em Junho de 1975, ele sentia-se muito só, estava habituado a viver no campo com muitos colegas, camaradas no interior, estava sempre rodeado de pessoas, E quando ele entra no palácio, ele e o Samito e os trabalhadores, ele começou a sentir mais do que nunca a necessidade de ter uma companheira. Então nós discutimos isto, e chegamos à conclusão de que o nosso amor era forte e que viesse o que viesse havíamos de aguentar juntos e foi assim que nós acabamos casando.” (Graça Machel, STV, 2016)

Sobre o facto de ter sido a única mulher no Governo de transição, Graça Machel fala de um aparente incómodo com a sua presença e destaca o seu papel de liderança política na área da educação.

“Eu era das pessoas mais novas (30 anos), só o Júlio Carrilho era mais novo do que eu. Todos os outros camaradas tinham mais experiência, não eram velhos, mas tinham já muita experiência de liderança no movimento de libertação e alguns profissionalmente como o Dr. Rui Baltazar e outros. Nós éramos os dois que não só eram jovens, mas tínhamos muito menos experiência profissional e então havia aquilo de: ‘bom, estes aqui’. Eu sinto que só me afirmei bem como Ministra da Educação com capacidades próprias foi quando eu comecei a trabalhar nas campanhas de alfabetização porque nós fizemos largas campanhas de educação de adultos. Ai as pessoas começaram a perceber que eu tinha uma garra própria. E depois eu dirigi um movimento que culminou com adoção do sistema nacional de educação e foi um movimento muito amplo, fizemos consultas a todos os setores da sociedade, fomos do Rovuma ao Maputo para escutar, aprender até que nós produzimos o sistema nacional de educação. Aqui quando eu apresento o SNE ao governo e o Governo leva à Assembleia, penso que eu me afirmei como Ministra da Educação da República.” (Graça Machel, Entrevista STV, 2016)

Graça Machel assumia os papéis de ministra, mãe e esposa, mas nunca se considerou a primeira-dama do país.

“Eu fui apenas Ministra da Educação e mãe dos meus filhos e esposa do Presidente, eu não fui primeira-dama. Eu não exerci funções de primeira-dama de Moçambique durante todo o tempo que eu estive casada com Samora, não houve espaço para isso, nem sequer havia esse estatuto de primeira-dama. (Esse) Foi constituído pelo Presidente Chissano. Não havia antes e devo dizer que para mim foi benéfico porque eu era conhecida como Ministra da Educação, supõe que eu tenha sido primeira-dama no momento em que o meu marido é assassinado eu deixo de ter esse espaço. Eu havia de acordar a dizer quem sou eu, mas eu continuei como Ministra e as mesmas funções que eu tinha exercido e até durante muito tempo depois de ter deixado de ser ministro as pessoas continuavam a chamar-me Ministra da Educação, até que gradualmente essa caracterização foi passando. Foi bom para mim porque não tive a crise depois do assassinato do meu marido de saber quem eu sou. Eu continuei a ser o que era.”
(Graça Machel, STV 2016)

Graça Machel exerceu durante 14 anos funções como Ministra da Educação e Cultura de Moçambique e tornou-se viúva de Samora Machel em 1986, depois de um acidente aéreo que, para além do presidente, vitimou outras 34 pessoas na África do Sul. Mesmo depois da morte do seu marido manteve-se em funções como ministra e também Secretária da Organização da Mulher Moçambicana (OMM), cargo que, com o passar dos anos, passou a Presidente e é atribuído sempre às esposas dos Presidentes da República.

Atualmente, Graça ainda é membro do Comité Central da Frelimo, mas abandonou funções governativas em 1989, por opção própria, e desde então que se tornou uma ativista social de direitos humanos. É patrona da Fundação para o Desenvolvimento da Comunidade (FDC)³, e de muitas outras organizações como o *Graça Fund Trust* e a Fundação Mandela, em tributo a Nelson Mandela, com quem também se casou, e de quem se tornou viúva em 2013.

³ FDC é uma ONG fundada por Graça Machel em 1994 que apoia a reconstrução e o desenvolvimento do país.

Por ser considerada a única mulher do mundo casada com dois Chefes de Estado, Graça Machel consta até no livro dos recordes do Guinness. Mas ainda assim refere que não foi o título que a moldou.

“Seja em Moçambique, seja na África do Sul, ninguém vai falar de mim como a primeira-dama. Nunca me defini assim, mas como uma cidadã com uma contribuição a dar. Em Moçambique, quando fui nomeada ministra da Educação, não me sentia preparada, mas tive de aceitar e aprender fazendo. Depois, me tornei ativista social. Na África do Sul, dizia ao meu marido: ‘Finalmente tenho a oportunidade de ser uma dona de casa’. Depois criei uma instituição para continuar meu trabalho social.”
(Marie Claire, 2018)

Tendo em conta o seu percurso podemos verificar que Graça Machel desempenhou funções e ações que a enquadram quer no perfil de ‘Política’ quer no de ‘Ativista social’. Para justificar a escolha destes perfis, vamos a seguir proceder à demonstração através da análise descritiva dos dados.

4.1.1. Desempenho de Graça Machel (1975-1986)

Graça Machel como Ministra da Educação e Cultura, em 1975, teve o desafio de implementar o objetivo da Frelimo de educar todos os moçambicanos. De acordo com o site South African History Online, “de 1975 a 1985 o número de alunos inscritos no ensino primário e secundário aumentou de 40% para mais de 90% para rapazes e 75% para raparigas.” O site sul africano refere ainda que, enquanto ministra, Graça Machel conseguiu reduzir a taxa de iliteracia em 72%; quando resignou do cargo mais de 1.5 milhões de crianças estavam inscritas, contra 400 mil quando entrou para o cargo.

Olhando os 7 artigos de jornais que recolhemos, por ordem cronológica, referentes a Graça Machel, que esteve em funções de 1975 a 1989, no artigo 1 (Março de 75) verificamos que antes de Ministra, Graça Machel foi Secretária de Estado para a Educação e Cultura. A então Graça Simbine fala da importância das escolas, na formação do Homem Novo moçambicano e dos seminários realizados em todo o país para dar a conhecer o novo programa educativo. Graça fala de uma democratização

popular nas escolas, com a implementação de estruturas político-administrativas a vários níveis, para o controlo eficiente das orientações do ministério. No artigo 2 (Agosto de 1977), como ministra, membro do Comité Central da Frelimo e esposa de Samora Machel, fala sobre a importância da alfabetização do povo para a construção do socialismo em Moçambique. Graça considera a alfabetização um instrumento da revolução e defende a sua massificação para o domínio da ciência e a conquista da independência económica. A ministra aponta também a alfabetização como um direito e um dever do cidadão que deve estar alinhado com o trabalho político e ideológico do partido. De referir que nesta altura, Graça também vestia fardamento militar como indumentária. No artigo 3 (Agosto de 77), Graça Machel relata a viagem da delegação da OMM que chefiou a Cuba, URSS e Bulgária. Aqui, como também membro do secretariado da OMM, Graça fala da experiência colhida com as organizações de mulheres destes países para o engajamento total da mulher na vida política, económica, social e cultural do país. Para além de contactos e parcerias, o objetivo era também conhecer a forma de organização e as estruturas de trabalho. Graça refere que a experiência da mulher moçambicana ‘não é muito grande’ e que a política da libertação da mulher promovida pelo partido, isto é, a luta pela emancipação da mulher ainda é vista pela maioria dos quadros como um problema das mulheres e não de toda a sociedade. O artigo 4 (1981) contém o discurso integral de apresentação do Sistema Nacional de Educação (SNE) aos deputados na Assembleia Popular. Aqui Graça Machel também fala na qualidade de deputado e o seu discurso de uma hora e meia foi ‘longamente’ aplaudido por toda a assembleia. No discurso, Graça exalta o partido pela sua liderança na consciência socialista das classes trabalhadoras, exalta as Forças Armadas, ‘braço armado do povo’, pelas recentes vitórias contra os agentes imperialistas e traça as linhas gerais do novo SNE que será implementado no país para lutar contra o subdesenvolvimento. Para a Ministra da Educação e Cultura, o SNE é a resposta aos anseios de enraizar o socialismo e acabar com o analfabetismo, a ignorância e o obscurantismo no povo. É uma forma de romper com o passado da educação colonial e tradicional e permitir o acesso aos operários, camponeses e seus filhos a todos os níveis de ensino.

De acordo com Graça Machel, foi depois deste discurso, seguido de exposições sobre as componentes do SNE por quadros do Ministério, que, como Ministra da Educação e Cultura, se sentiu aceite e valorizada pelo seu trabalho no governo.

No artigo 5 (Abril s/d), Graça Machel faz uma reflexão sobre a emancipação da mulher e o papel da OMM no processo. A delegada e membro do Secretariado Nacional da OMM refere que o objetivo da organização deve ser emancipar a mulher e não só promovê-la. Integrar a mulher na educação, na produção industrial, no aparelho do estado é importante, mas não é suficiente, afirma. Graça diz que é preciso que a mulher liberte e eleve a sua consciência social para que a sua participação seja mais efetiva e chegue aos níveis políticos e de decisão.

No artigo 6 (Julho de 83), Graça Machel recebe, no âmbito do Festival Nacional da Juventude, o músico zairense, Sam Magwana e afirma que a sua vinda é um sinal de amizade e solidariedade que visa encorajar os artistas moçambicanos a promover também a suas próprias raízes culturais e sentir o orgulho de serem moçambicanos e africanos. Num registo fotográfico de 94, já depois de abandonar o poder e se dedicar ao ativismo, Graça faz campanha eleitoral pela Frelimo para as 1^{as} Eleições Gerais e multipartidárias. Na fotografia pode ver-se a ex-primeira-dama a falar com um grupo maioritariamente de mulheres (Casa Comum, 1994).

Desta breve descrição de atividades desenvolvidas e publicadas na imprensa sobre Graça Machel, podemos constatar que, de acordo com as suas funções, a primeira-dama serviu no Governo, no Parlamento, no partido, na organização de mulheres, fez viagens presidenciais, participou em conferências internacionais e fez campanha eleitoral. Graça Machel exerceu um cargo político, ainda que, dado o contexto histórico da época, atribuído pelo Presidente da República. Graça, que estava responsável pela pasta da Educação e Cultura, destacou-se e credibilizou o seu desempenho na área da Educação com a criação do SNE, mas também abraçou a causa da emancipação da mulher moçambicana. De acordo com a tipologia de van Wyk (2017), podemos dizer que Graça Machel pela natureza do seu trabalho, se enquadra no tipo de primeira-dama ‘política’ por pertencer à cúpula do partido e ter poder de decisão, e também ‘ativista social’, pelo envolvimento em temas da mulher e da criança, uma área da qual se dedica até hoje a tempo inteiro com várias organizações.

O Graça Trust Fund⁴ é o que tem maior reconhecimento internacional. É uma ONG pan-africana, sem fins lucrativos, criada em 2010 e com sede na África do Sul. O fundo trabalha para “Multiplicar os Rostos e Amplificar as Vozes” de mulheres e crianças africanas e desenvolve atividades nas áreas da saúde e nutrição infantil,

⁴ <https://gracamacheltrust.org>

educação, capacitação económica e financeira das mulheres, liderança e boa governação. (Graça Fund Trust.com)

Com o apoio de vários parceiros globais, regionais e locais, o fundo fortalece redes de mulheres e defende os direitos das crianças. Ao mesmo tempo, na pessoa de Graça Machel, procura influenciar os tomadores de decisão na implementação de políticas e práticas sociais mais justas.

4.2. Marcelina Chissano: Esposa/Mãe (e Ativista Social)

Marcelina Vitória Pedro Rafael Chissano nasceu em Maio de 1947, em Mueda, Cabo Delgado. É filha de camponeses e a primeira de cinco irmãos. Cresceu na Tanzânia, onde o seu pai trabalhava na produção de enxadas, catanas, facas e outros instrumentos, e regressou em 1962 para Moçambique, onde concluiu a 4ª classe rudimentar na Missão Imbuo. Com receio da prisão pela PIDE, a família regressa à Tanzânia, onde Marcelina se junta um ano depois. Em 1964, com 17 anos, ingressa na Frelimo.

Recordando este período, Marcelina Chissano afirma:

“O Presidente Mondlane achou que eu tinha idade para estudar. Aliás quando entrei na Frente de Libertação de Moçambique encontrei também outros jovens que já se haviam juntado à Frelimo e que estavam a estudar no Instituto Moçambicano. Continuei os meus estudos durante o período letivo e nas férias íamos aos campos de treino, quer na Tanzânia quer no interior de Moçambique para recebermos treinos militares.” (Entrevista, Jornal Notícias 1996)

Marcelina treinou no campo de Bagamoyo, na Tanzânia, onde contribuiu em várias ações do partido.

“Não cheguei a ir para o combate, mas tinha uma tarefa, juntamente com a camarada Janet Mondlane: angariar fundos para a Frelimo, material didático e produtos alimentares. Aquilo era procurar tudo, falar com as pessoas, saber quando é que a mercadoria iria chegar, negociar com as alfândegas tanzanianas, procurar meios de

transportar o material para vários campos nossos. Também fazíamos trabalhos nos campos de acolhimento de crianças.” (Entrevista, Jornal Notícias 1996)

Marcelina conheceu Joaquim Chissano no Instituto Moçambicano onde ele era professor.

“Ensinava a disciplina de Matemática, sempre que tivesse tempo para tal. Acontece que eu tinha muitas dificuldades nesta cadeira e precisamente por isso ele prestava mais atenção a mim, para me ajudar a supri-las. Julgo que foi neste processo que a atração entre nós começou. Depois, um dia pediu-me que lhe ensinasse a minha língua materna (maconde) e ele ensinar-me-ia a dele (changana). O amor nasceu e foi crescendo até que casamos em 21 de Setembro de 1969. Deste casamento nasceram quatro filhos (dois rapazes durante a luta armada e duas meninas já depois da independência.” (Entrevista, Jornal Notícias 1996)

Marcelina Chissano refere que nunca esperou que o seu marido se tornaria Presidente da República, o que veio a acontecer em 1986, depois da morte de Samora Machel. Até então era enfermeira parteira no Hospital Central de Maputo, e foi durante o mandato de Joaquim Chissano que se criou o Gabinete da primeira-dama. Como demonstra o excerto abaixo, foi difícil rever-se nesse papel:

“Ver-me na qualidade de esposa do Presidente, não foi fácil. Quanto mais ficar à frente do Gabinete, em funções pela primeira vez. Pois, era preciso começar do nada, identificar as necessidades e definir tarefas. A resposta estava na experiência daqueles anos da juventude e do trabalho social antes e depois da independência. Não havia nada a inventar: era preciso simplesmente continuar a servir.” (Com Moçambique no Coração, 2004)

Marcelina Chissano é retratada na imprensa como uma pessoa que fala pouco e raras vezes aparece em público. Por essa razão, comentou,

“Não sou antipática, como muitos dizem, mas também não sou espontânea (...) há quem diga que parece que não existe primeira-dama em Moçambique, mas estou aqui mesmo ou em casa ou no meu gabinete de trabalho.” (Entrevista, Jornal Notícias 1996)

Questionada sobre o que é ser primeira-dama, Marcelina Chissano disse que,

“Não vê muita diferença entre uma primeira-dama e uma outra mulher que também é esposa e mãe. Tenho um marido e quatro filhos para cuidar, para além de um trabalho para fazer (...) Estou ligada à Ação Social precisamente porque não consigo ficar sem fazer nada. Gosto muito de trabalhar (...) tenho vindo a procurar fundos de apoio às populações vulneráveis sobretudo mulheres viúvas ou mães solteiras e mesmos as casadas com muitos filhos e com baixo rendimento. Sinto-me realizada com esta atividade. É a continuação do trabalho que vinha fazendo desde o tempo da luta armada(...) dificilmente me vai encontrar em casa junto à piscina.” (Entrevista, Jornal Notícias 1996)

Marcelina Chissano, referida pela imprensa como uma mulher dedicada aos assuntos sociais (Jornal Notícias, 1999), criou, em Dezembro de 1996, a organização não governamental Pró-Família, que permitiu ao GEPR “uma atuação mais flexível, sobretudo em situações de emergência,” como fora a guerra civil que, durou 16 anos no país, e as calamidades naturais. (Moçambique no Coração)

Neste excerto, Marcelina refere como a organização começou:

“Reuni um grupo pequeno e comecei a pensar no modo de me associar aos outros para ajudar aqueles que estavam em péssimas condições, que tinham perdido tudo, pessoas com deficiências físicas, crianças abandonadas, as chamadas crianças da rua.” (Entrevista, Jornal Notícias 1999)

Segundo Marcelina Chissano, a ONG Pró-Família tinha a vantagem:

“de poder receber ajudas de quem não se queria comprometer nem com os partidos nem com o Governo (...) o nome Pró-Família significa que o meu gabinete está ligado à

família e não só às crianças (...) a nossa organização dá também formação profissional em algumas áreas às pessoas sem recursos para prosseguirem os estudos depois do ensino secundário (...) estamos a dar formação em costura, bordados, culinária, também há um curso de secretariado para pessoas que depois procuram arranjar emprego nos ministérios, nas empresas e agora também no turismo.” (Jornal Notícias 1999)

A Pró-Família era o braço direito do GEPR e visava flexibilizar o apoio às famílias, sobretudo mulheres, idosos e crianças. Muitas vezes fisicamente ausente nas próprias atividades, mas por via da Pró-Família Marcelina Chissano fez entrega de donativos, inaugurou escolas, fontanários e projetos de geração de rendimentos⁵.

No decurso das suas funções, Marcelina revelou que a pior pergunta que lhe fizeram foi porque se recusou apertar a mão a Afonso Dhlakama, líder da Renamo e o maior partido da oposição, aquando da assinatura dos Acordos de Paz em 1992. “Uma situação que não passou despercebida pelos *media*, causou embaraço ao próprio Presidente da República e abriu espaço para as pessoas duvidarem de uma intenção de um acordo de paz e reconciliação por parte da Frelimo” (Blogue Acalmar as almas, 2012).

Marcelina Chissano foi a primeira-dama que ostentou o título durante mais tempo. Assumiu o posto durante 18 anos, em 1986, quando Joaquim Chissano sucedeu a Samora Machel na presidência do país e, se legitimou com a eleição de Chissano nas primeiras eleições multipartidárias de 1994, prolongando-se num segundo mandato até 2005.

Durante este período, e de acordo com o Boletim Metical⁶ (1997), duas perceções populares acompanharam Marcelina Chissano:

“Nos primeiros anos da independência, era celebrada em certos círculos de Maputo como uma pessoa modesta, uma enfermeira trabalhadora e anónima (...) com a subida de Chissano à Presidência da República essa imagem começou a alterar-se radicalmente. Começaram a surgir rumores sobre expropriações de terras feitas por ela. A imagem popular que hoje a rodeia, a ela e ao marido, é a de que ambos estão a

⁵ Jornal Notícias (Março, 1993); Jornal Notícias (Novembro 1997); Jornal Notícias (Junho 2002) (in zimba 2014)

⁶ Boletim on-line editado pelo falecido jornalista Carlos Cardoso.

enriquecer rapidamente, muito à semelhança de tantas primeiras famílias do continente.” (Metical, 1997)

O diário digital refere atos de expropriação ilegal de terrenos, apartamentos e também negócios obscuros do filho mais velho do casal com comerciantes de conduta duvidosa (Metical, 1997).

Depois de deixar de ser primeira-dama de Moçambique, Marcelina Chissano dedicou-se inteiramente à sua família. A Pró-Família deixou de operar e executar atividades de conhecimento público.

O GEPR, através da ONG Pró-Família, prestou apoio humanitário e promoveu vários programas de desenvolvimento e formação por todo o país. Marcelina Chissano angariou fundos, apoiou causas, viajou pelo país para se inteirar das necessidades e distribuir apoio aos carenciados. Por estas ações, podemos concluir que esta primeira-dama possui os perfis de ‘Esposa/Mãe’ e de ‘Ativista Social’.

4.2.1. Desempenho de Marcelina Chissano (1986-2005)

Analisando agora as atividades e as áreas de ação de Marcelina Chissano mencionadas no livro “Com Moçambique no Coração” publicado pelo GEPR, verificamos que esta primeira-dama, em funções de 1986 a 2005, se dedicou ao apoio humanitário e a programas de desenvolvimento. Foi um período marcado pelo conflito armado que provocou incontáveis vítimas mortais e milhares de feridos e deslocados. Através da organização Pró-Família, Marcelina realizou atividades na Zambézia, Niassa, Nampula, Gaza, Inhambane e Maputo. Artigos da imprensa pública e fotografias dos atos reportam a materialização desse apoio humanitário a partir de Novembro de 1997.

Os primeiros artigos da publicação, divulgam a entrega de casas convencionais a viúvas vítimas da guerra e mulheres divorciadas. No âmbito desse programa de reassentamento, também eram entregues centros de saúde, salas de aulas, furos de água e respetivas bombas e latrinas melhoradas. As vítimas de calamidades naturais nas zonas centro e norte do país também foram beneficiadas. Muitos participaram na construção das suas próprias casas, outros receberam, na sequência das cheias, instrumentos e insumos agrícolas, produtos alimentares e utensílios domésticos.

Outras notícias anunciam a promessa de casas pelo GEPR, mas cuja construção depende da angariação de fundos dos doadores. Muitas fotografias retratam a logística da entrega e distribuição da ajuda que envolvia meios rodoviários e até de aviação e muita mão-de-obra. Outras imagens refletem o antes e o depois da construção da nova infraestrutura: as aulas debaixo das árvores e depois a casa comunitária de cimento, o poço transformado em furo e as inaugurações e a alegria dos beneficiários. O GEPR também doou material de compensação a pessoas portadoras de deficiência em Sofala, Cabo Delgado, Zambézia e Tete, como cadeiras de rodas e muletas. Também disponibilizou fundos a várias associações para a implementação de atividades de formação e geração de rendimentos. Na área da saúde, o GEPR mobilizou recursos para a construção de um Banco de Socorros no Hospital José Macamo, o segundo maior de Maputo, pagou durante um ano os salários dos médicos e técnicos, ampliou o berçário da maternidade do Hospital central, juntou-se a parcerias de combate ao HIV/Sida e doou equipamento diverso a unidades de saúde do país. Na área da Educação, o gabinete renovou escolas por exemplo, a Escola de Artes e Ofícios da Moamba, ofereceu material didático e equipamento diverso para a prática desportiva e escolar, carteiras escolares, máquinas de corte e costura para internatos. As crianças órfãs foram outro foco de atenção do GEPR, tornando-se parceiro das casas SOS que se multiplicaram pelo país.

Os programas de desenvolvimento foram o outro eixo central de ação do trabalho de Marcelina Chissano. Eram principalmente programas sociais, de empoderamento da mulher a partir de atividades de geração de rendimentos como as alimentares, agrícolas, pesca, panificação, a criação de animais, farmacêutica, fotografia e outras.

A mulher era a principal beneficiária por ser a gestora do lar e a responsável da família. Para além de projetos de microcrédito, o gabinete realizou cursos de capacitação em várias áreas: avicultura, suinicultura, extensão agrária, gestão de pequenos negócios e contabilidade básica. Numa notícia de Março de 1991, o Presidente da República elogiou o avanço dos programas da mulher e o trabalho do gabinete. Joaquim Chissano referiu que era um trabalho que ia ao encontro das necessidades reais da população e se realizava em coordenação com as instituições governamentais. No final do livro “Com Moçambique no Coração” conhecem-se pequenos negócios de algumas das beneficiárias.

O Gabinete tinha como parceiros o Programa de Desenvolvimento das Nações Unidas (PNUD), a NORAD da Noruega, a União Europeia e muitos outros financiadores como embaixadas, confissões religiosas, empresas privadas e associações. Marcelina Chissano realizou encontros com os doadores, participou em encontros da organização das primeiras-damas de África contra o HIV/SIDA (OAFI), organizou festas de Natal para as crianças, trabalhou com jovens na prevenção do HIV/SIDA e da gravidez involuntária.

Numa das notícias mencionadas no livro (Jornal Notícias, Dezembro de 1998), Marcelina Chissano fala da desintegração da família e dos valores morais que trazem consequências graves ao tecido social do país. A primeira-dama apela a uma reflexão dos problemas que se acentuam principalmente entre os jovens, como o consumo de drogas, a prostituição infantil, a proliferação de crianças de rua e também a negligência aos idosos. Temas que certamente passariam a constar da sua agenda de trabalho.

Marcelina Chissano contava com Joana Manguera como diretora do seu gabinete. Muitas das atividades, principalmente as de campo, foram levadas a cabo pela própria Joana Manguera, por exemplo a visita de Maria Soares, a primeira-dama de Portugal, a projetos em Maputo.

Lê-se nos artigos que muitos dos donativos do GEPR chegavam ou eram entregues às direções provinciais. Marcelina nem sempre estava fisicamente presente, mas a par e de ‘coração’ com os mais necessitados.

“Eu estive atrás, como se diz o fundo da casa. Mas levando sempre a sombra desta para onde fosse necessário. Atrás. Não na qualidade de quem manda ou sabe tudo, mas apoiada na experiência ganha desde a juventude. E que se traduz em apenas duas palavras: dar e servir.” (Com Moçambique no Coração:117)

A ajuda humanitária e o desenvolvimento social com foco nas áreas da saúde, da educação, das infraestruturas e do emprego foram a prioridade da atuação de Marcelina Chissano.

Em resumo e olhando a tipologia de van Wyk (2017) podemos concluir que pela descrição destas atividades, Marcelina Chissano se enquadra no perfil de ‘Ativista

Social’ pelo cometimento aos assuntos sociais e é uma primeira-dama do tipo ‘esposa e mãe’ com poder político limitado e simbolicamente a mãe da nação. Na verdade, no senso geral, a primeira mamã da nação, uma vez que Graça Machel não representou o papel. Marcelina revelou em entrevista que,

“Desde que me casei, em 1969, não sei o que é ficar com o meu marido durante uma semana sem interferências do serviço (...) A minha vida foi sempre esta, viver com um homem que está sempre a sair.” (Jornal Notícias 1996)

Desabafo que nos leva a sugerir que pela sua agenda de trabalho, o presidente pouco tempo tinha para os assuntos familiares. A primeira-dama também raras vezes acompanhou o presidente nas suas viagens oficiais, e era uma mulher pouco cerimonial.

Em 2005, Marcelina Chissano passou o testemunho a Maria da Luz Guebuza, a segunda primeira-dama a ocupar o Gabinete da Esposa do Presidente da República.

4.3. Maria da Luz Guebuza: Política (Diplomata e Ativista Social)

Maria da Luz Dai Guebuza nasceu dia 5 de Fevereiro de 1953 em Machipanda, na província de Manica. É filha de Joaquim Dai, que trabalhava numa serração, e de Beatriz Mukudo e, irmã gémea de Ana Maria Dai, já falecida, e de Tobias Dai, ex-ministro da Defesa.

Para que os filhos prosseguissem os estudos, depois do ensino rudimentar (3^a classe), o pai de Maria da Luz solicitou o estatuto de assimilado ao governo português (Zimba, 2014). A família passou a viver na vila capital, mas o pai manteve-se em Chicanga a trabalhar para garantir o sustento. Em 1961, um ano depois do massacre de Mueda em Cabo Delgado que vitimou 600 moçambicanos, e devido à intensa perseguição da PIDE e a discriminação racial instalada, Joaquim Dai escreveu “uma carta dirigida ao então Presidente do Gana, Doutor Kwame N’krumah e ao então Secretário-Geral das Nações Unidas, Maha Thrasy Sithu U Thant, solicitando ações em prol da independência de Moçambique” (Zimba, 2014:36). A carta foi interceptada pela PIDE e Joaquim Dai foi preso durante 18 meses e torturado. A prisão do pai despertou a

consciência nacionalista de Maria da Luz que, aos 11 anos, também por orientação do pai, passou a ouvir clandestinamente, nas matas, com os irmãos os noticiários da estação emissora ‘Voz da Frelimo’.

Joaquim Dai ensinou aos filhos as diferentes manifestações e formas de atuação do regime colonial português e falou sobre a perseguição que ele sofria por parte da PIDE. No final de 1970, Joaquim Dai e três dos filhos, entre eles Maria da Luz, fizeram a caminhada para a Tanzânia. Maria da Luz tinha 17 anos. Por ser numerosa (11 elementos), a família dividiu-se em grupos e fez a viagem separadamente até ao Malawi, seguindo depois todos juntos para a Tanzânia.

No dia 21 de Janeiro de 1971, Maria da Luz Dai chegou ao Centro de Preparação Político-Militar de Nachingwea com o pai e os irmãos mais velhos. Foram recebidos por Josina Machel e as meninas integraram de imediato o Destacamento Feminino e iniciaram os treinos de 45 dias. Segundo Maria da Luz:

“Quando começamos os treinos, havia pessoas que diziam que abandonaríamos antes de chegarmos ao fim, mas nós chegamos ao fim dos treinos com sucesso” (Zimba, 2014).

Maria da Luz fazia parte do grupo Tete e para além do treino militar também participava noutras atividades diárias de Nachingwea como o cultivo da machamba, escavação de trincheiras e abertura de cisternas de água. No fim do treino militar, Maria Da Luz foi trabalhar como secretária no Gabinete do então Comissário político nacional, mais tarde seu esposo e Presidente da República, Armando Emílio Guebuza. Depois passou para a área da Educação como professora primária no centro educacional de Tunduru, onde haviam ficado a sua mãe e os seus irmãos mais novos. (Zimba, 2014)

Em Janeiro de 1974, Maria da Luz casou com Armando Guebuza, adotando o seu apelido. Maria da Luz refere:

“Nós fomos fardados ao nosso casamento; era uma farda nova. Vieram muitos grupos culturais de Niassa e Cabo Delgado. Tivemos a nossa festa, mas dois dias depois ele partiu, eu voltei para a minha rotina (...) tive que continuar a dormir no camarote com

as outras colegas. Eu era professora, por isso dormia na casa das professoras” (Zimba, 2014).

O casal regressou meses depois para Maputo, onde Maria da Luz conheceu a família do marido pela primeira vez e foi acolhida como uma filha. Passou a ser tratada por ‘mãe,’ mesmo antes de conceber pelo cuidado e carinho que tinha com os outros. Natália Machel, sua sobrinha revela que:

“Mesmo com o estatuto de primeira-dama quando chega a casa, no ambiente familiar, Maria da Luz tira toda a capa e sombrinha de primeira-dama e fica como esposa, nora tia, enfim, um membro comum da família” (in Zimba, 2014).

Maria da Luz teve quatro filhos que nasceram enquanto Emílio Guebuza já desempenhava cargos de chefia, Ministro da Administração Interna no Governo de Transição, Ministro do Interior no governo de Samora Machel, chefe da delegação das negociações de paz e outros. Para além de se dedicar à educação dos seus filhos, Maria da Luz Guebuza continuou os seus estudos e em 1997 licenciou-se em Biologia na Universidade Eduardo Mondlane.

A campanha eleitoral de 2004, que conduziu Emílio Guebuza⁷ a Presidente da República, trouxe-lhe notoriedade e mudou a imagem e a dimensão do papel da esposa do Presidente.

“Maria da Luz envolveu-se profundamente na campanha, trabalhando arduamente com vários grupos de potenciais eleitores, na divulgação do Manifesto Eleitoral do Partido Frelimo. Foi também neste período que Maria da Luz começou a mostrar claramente a sua preocupação com a participação da mulher na vida pública do país” (Zimba, 2014:95).

Foram 45 dias de campanha pelo país que culminaram com a vitória do candidato da Frelimo e a elevação de Maria da Luz a primeira-dama de Moçambique. A experiência

⁷ Segundo Sanches (2014:53), a eleição de Emílio Guebuza em 2004 serviu para revitalizar as bases do partido e foi uma novidade, “foi a primeira passagem em vida da liderança do partido e a primeira vez que um candidato oriundo de uma província do norte, mais concretamente Nampula foi eleito líder.”

das visitas aos distritos, dos comícios, do apelo ao voto, dos encontros com autoridades locais e população intensificou-se durante o seu mandato⁸.

Maria da Luz Guebuza e o seu gabinete visitaram distritos e localidades, apoiaram várias causas, implementaram diversas atividades e programas de saúde, educação e ambiente. Dados de um inquérito realizado pelo GEPR referem a importância e a legitimidade da primeira-dama:

“A esposa sempre acaba por aparecer como uma espécie de representante legítima do Presidente, ou a pessoa que mais diretamente tem acesso à entidade máxima do país (...) Perante a Esposa do Presidente da República, normalmente as pessoas apresentam preocupações que dizem respeito à governação (...) o país é grande, tem mais de 150 distritos e, por isso, o Presidente da República dificilmente poderá estar presente em muitas das localidades. A presença da primeira-dama nas localidades torna-se, deste modo, oportuna e aparece como mais um vínculo sólido, através do qual a comunidade pode resolver, apresentar ou canalizar preocupações para as instâncias competentes” (Zimba, 2014:127).

Nas suas viagens, Maria da Luz Guebuza também promoveu valores da moçambicanidade: resgatou o papel dos líderes locais, o culto aos antepassados, a tradição de sentar à volta da fogueira, contar histórias e adivinhas, a confeção de manjares típicos moçambicanos, as manifestações culturais e o uso da capulana (Zimba, 2014).

O trabalho desta primeira-dama foi muito mediatizado na comunicação social. A sua delegação fazia-se acompanhar sempre por um grupo de jornalistas de órgãos do Estado. O Jornal Público elegeu-a, em 2009, uma das figuras mais empenhadas do ano pela sua dedicação aos mais desfavorecidos (Zimba, 2014). A imprensa privada faz, no entanto, outra leitura das incursões de Maria da Luz Guebuza, às quais chamou de ‘presidência aberta feminina’. Em 2006, o jornal Savana ouviu várias opiniões sobre as visitas da primeira-dama que até então já abrangiam as províncias de Gaza, Inhambane, Maputo, Sofala, Zambézia e Manica.

⁸Jornal Notícias (Novembro de 2006) in Zimba (2014); Jornal Notícias (Fevereiro 2013); Jornal Notícias (Outubro 2013)

A oposição política achava uma ilegalidade e que Maria da Luz atuava como se fosse uma ‘vice-presidente’ sem que lhe fosse reconhecido o direito jurídico (Savana, 2006). Em 2011, o mesmo semanário publicou um artigo em que refere que a primeira-dama é uma ‘presidenta inconstitucional’ e em que questiona o seu papel e as suas viagens de trabalho:

“As deslocações da primeira-dama pelo país seguem a fórmula das Presidências abertas e inclusivas (...) tem direito a escolta e sirenes, constam da agenda dos governos provinciais, paralisam alguns serviços públicos, incluem comícios populares, mobilizam as populações locais, têm uma grande projeção mediática, sobretudo da imprensa oficiosa e sobrevivem à crise financeira que assola a economia do país e passam ao largo das medidas de contenção.” (Savana, 2011)

O artigo aponta como principal problema o uso de fundos públicos em visitas partidárias e atividades que entram em conflito com as competências do Ministério da Mulher e Ação Social, e ainda, a falta de prestação de contas e a necessidade de a Assembleia da República clarificar o papel da primeira-dama.

Em 2005, no ano em que assumiu o título, Maria da Luz Guebuza também se tornou patrona do Instituto Criança Nosso Futuro, uma instituição privada de utilidade pública com sede própria com o objetivo de apoiar a criança e a família. O Instituto pretendia “convidar outros atores para trabalharem conjuntamente criando iniciativas e pesquisas que possam ajudar os diversos atores da sociedade a promover soluções dos problemas da sociedade” (Revista Chama, 2005). No lançamento, deu-se a conhecer que o Instituto Criança Nosso Futuro não vinha ofuscar nenhuma outra instituição, que era “de complementaridade e parceria” e contava com o apoio dos parceiros do GEPR.

Maria da Luz Guebuza foi membro da Organização das primeiras-damas de África contra a SIDA (OPDAS) e segunda vice-presidente da organização na África Austral. A primeira-dama participou em vários fóruns internacionais e recebeu em 2009 os prémios ‘Global Health Award’ e o ‘Crans Montana’ pelo reconhecimento do seu trabalho de luta contra a pobreza em Moçambique.

O percurso militante, a atuação política e a intervenção social de Maria da Luz Guebuza levam-nos a concluir que esta primeira-dama se encaixa nos perfis de ‘política’, ‘ativista social’ e ‘diplomata’.

4.3.1. Desempenho de Maria da Luz Guebuza (2005-2015)

Maria da Luz Guebuza foi primeira-dama de 2005 a 2015 e, provavelmente, a mais mediática de todas. Durante o nosso trabalho de campo, foi possível recolher um maior número de dados sobre esta primeira-dama do que em relação às outras. Até o contacto com a sua equipa de trabalho foi mais fácil e acessível. No arquivo do Jornal Notícias havia muitos mais artigos de Maria da Luz publicados do que das outras primeiras-damas. No caso do semanário Savana, constatámos que ela é a única primeira-dama referida e até, uma das poucas mulheres mencionadas nas páginas de política.

Nesta análise, com base nos dados, procuraremos incluir todos os aspetos relevantes às suas áreas prioritárias de atuação e atividades.

Assim como Marcelina Chissano, também Maria da Luz Guebuza criou, em Novembro de 2005, uma organização para flexibilizar o seu trabalho de primeira-dama – o Instituto Criança Nosso Futuro. A proteção da criança e o cumprimento integral dos seus direitos foi o mote principal do seu trabalho e Maria da Luz Guebuza abraçou várias iniciativas e projetos ligados aos menores. Para além da “campanha criança nosso futuro”, a “campanha criança sem malária”, “Juntos pelas Crianças, juntos contra a Sida”, Programa Nacional “Janela de Esperança,” que visava proteger crianças dos 10-14 anos contra a infeção do HIV/SIDA, “Movimento Nacional de Alfabetização”, “Campanha Malua” de apadrinhamento de crianças e o “Movimento Moçambique Por Moçambique,” que visava mitigar os efeitos das calamidades naturais e outros desastres através da solidariedade entre moçambicanos.

Para divulgar as atividades desenvolvidas no âmbito destes projetos, o GEPR lançou o programa de rádio “Vencedores” na Rádio Moçambique também com o objetivo de estimular a consciência dos indivíduos, o seu potencial e envolvimento no desenvolvimento do país.

Outro meio de divulgação do trabalho do gabinete foi a revista “Chama” criada em 2007. Uma publicação trimestral bilingue sobre as viagens e atividades da primeira-dama, os projetos e os seus beneficiários, os doadores e a sua participação, mas, principalmente, notícias do Presidente da República, do partido e das suas organizações da juventude e femininas, e ainda sobre efemérides históricas do país.

Focando-nos nas notícias sobre Maria da Luz Guebuza e em particular nas suas atividades, constatámos várias ações realizadas em prol da criança. Na edição n.º 3 da revista Chama (Abril 2008), ficámos a par dos frutos do projeto “Criança Nosso Futuro,” lançado em Novembro de 2005, que beneficia centros que acolhem crianças em situação difícil. É o caso de centro Muntanhana Wheru, com cerca 83 residentes que recebia apoio do GEPR. Na edição 11 (Julho 2010), são noticiados o propósito e os objetivos do Instituto privado “Criança Nosso Futuro”, a equipa de trabalho e os seus parceiros. O lançamento oficial do mesmo é reportado depois na edição 12 (Março 2011), onde a patrona, Maria da Luz Guebuza, explica que o mesmo vai atuar

“nas áreas de advocacia e sensibilização das comunidades em geral e lideranças nacionais e internacionais, educação da rapariga, jovens e adultos, saúde da mulher e criança, segurança alimentar e nutricional das crianças e mulheres grávidas, habitação, água e saneamento do meio nas comunidades e trabalhar na informação e tecnologias de informação nas comunidades e escolas” (Revista Chama 2011:11).

Na mesma ocasião, a primeira-dama anunciou a “campanha Malua” de apadrinhamento de crianças em situação de vulnerabilidade. Nesta mesma edição da revista Chama, apresenta-se também o livro “Criança, Família e Herança”, do jurista Didier Malunga com o prefácio de Maria da Luz no qual refere que é um instrumento que visa informar e conscientizar a sociedade sobre a matéria legal em causa. Na edição 16 (Novembro 2012), divulga-se a entrega de material musical do governo chinês ao GEPR na pessoa da antiga combatente Marina Pachinuapa e anuncia-se o início de cursos acelerados de música no Instituto “Criança Nosso Futuro” para crianças e adolescentes.”

Outro grande enfoque das atividades de Maria da Luz são as viagens às províncias do país. Visitas que ocorreram a nível dos distritos e que contemplavam:

“encontros com as autoridades locais e organizações sociais; aconselhamento a iniciativas coletivas e individuais, incentivos a micro projetos de geração de rendimentos às mulheres, visitas a orfanatos e crianças órfãs, chefes de família e idosos, visitas a escolas e hospitais, inaugurações de escolas e unidades sanitárias e casas de espera de mãe grávida, visitas a associações agropecuárias, visitas a machambas de associações e de privados e doações de material escolar, redes

mosquiteiras, instrumentos para a agropecuária tais como tratores, motobombas, charruas, bicicletas, rádios, megafones, enxadas e outros” (Zimba, 2014:102).

A revista Chama cobriu todas as viagens da primeira-dama. A edição n.º 13 (Setembro 2011) fala da visita a Inhambane e Maputo onde, respetivamente, Maria da Luz Guebuza encorajou as mulheres a criarem condições de autossustento e à solidariedade. Na edição 14 (Novembro 2011) divulga-se as viagens da primeira-dama a Sofala, Zambézia e Manica onde visitou vários projetos e reiterou o engajamento no trabalho como forma de reduzir a pobreza. Na edição 15 (Abril 2012), Maria da Luz Guebuza escalou Nampula, Tete e Cabo Delgado também para se inteirar do desenvolvimento socio económico destas províncias e em particular na área da educação. A revista Chama n.º 16 (Novembro 2012) dá destaque às visitas de Maria da Luz a Gaza, Inhambane e Sofala. A notícia foca-se nos hábitos que a primeira-dama trouxe e causavam a admiração de toda a população: o pernoitar nas casas modestas dos régulos e chefes comunitários e as noites de ‘Xitiku ni Mbaula’ – o hábito de se juntar à volta da fogueira para contar e ouvir histórias. A edição n.º 19 (Maio 2014) reporta as viagens de trabalho à Zambézia, Niassa e Cabo Delgado onde Maria da Luz Guebuza registou também as necessidades locais e disse que iria fazer chegá-las às autoridades governativas.

O Presidente da República, Emílio Guebuza, a propósito das visitas da primeira-dama, refere:

“ela decidiu que passaria a visitar os distritos para ver quais eram os problemas próprios...das mulheres e das pessoas do campo. A questão da emancipação da mulher ainda é séria (...) por isso ela engajou-se nessa via que naturalmente assumiu como qualquer mãe de família e de crianças. Então completamo-nos. Nós discutimos, avaliamos e temos o quadro o mais completo possível do país, e isso facilita a nossa ação” (Zimba 2014:212-213).

Este comentário demonstra a confiança e a cumplicidade do Presidente da República e da primeira-dama nas questões de governação do país. Maria da Luz Guebuza atuava em conformidade com o decidido entre si e o seu marido.

As inúmeras fotografias das viagens ilustram as multidões que recebiam e seguiam Maria da Luz Guebuza. A primeira-dama, para além de ser acompanhada por um grande grupo de trabalho, incluindo jornalistas, mobilizava muitas pessoas que faziam daquele encontro um grande acontecimento.

As próprias empresas públicas prestadoras de serviços, como a Eletricidade de Moçambique (EDM), sentiam-se no dever de reforçar o equipamento e garantir que zonas mais remotas onde a primeira-dama fosse estivessem iluminadas. Também a pensar nas visitas da primeira-dama, e até com o seu apoio, surgiu um projeto de acomodação chamado “Kapulana” que previa a construção de pequenas instâncias de alojamento de padrão médio-alto em 64 distritos até 2011. O projeto do Instituto Nacional de Turismo previa ainda ministrar cursos de gestão e hotelaria aos investidores e aos seus colaboradores (Notícias, 2009).

Na agenda de Maria da Luz Guebuza, também constavam viagens internacionais. Podemos verificamos na revista Chama n.º 3 (Abril 2008) a participação da primeira-dama num encontro na Etiópia, à margem da União Africana, sobre violência contra a mulher e onde falou da experiência e dos avanços legais de Moçambique na matéria. Este foi um dos muitos encontros continentais em que Maria da Luz participou e posicionou Moçambique também na discussão de problemas da agenda internacional, implícitos nas metas de desenvolvimento das Nações Unidas, dos quais, na voz das primeiras-damas africanas, se sensibilizava dentro da própria região. A edição n.º 13 (Setembro 2011), refere que a primeira-dama se reuniu na Guiné Equatorial para a X Assembleia Geral da Organização das Primeiras-damas Africanas (OAFLA) onde se reforçou o comprometimento na erradicação do HIV/SIDA através da aposta no empoderamento da mulher. A edição n.º 14 (Novembro 2011) reporta a participação de Maria da Luz na reunião da Visão 2010 sobre Saúde Materno Infantil no Mali e onde a experiência de Moçambique, que é preocupante, também foi partilhada. No Senegal e a convite de Viviane Wade, a primeira-dama do Senegal, Maria da Luz Guebuza participou na Conferência Internacional sobre Planeamento familiar organizada também pelo Instituto para a População e Saúde Reprodutiva Bill e Melinda Gates (Chama n.º 15, Abril 2012).

Outra grande causa de saúde que Maria da Luz Guebuza abraçou e para a qual procurou parceiros e financiamentos foi o cancro do útero. A edição n.º 16 (Novembro 2012) fala da união de África, mais uma vez, sob liderança das primeiras-damas

africanas, na Zâmbia, no combate do cancro do colo do útero. Maria da Luz referiu que até final de 2014, se pretendia estender o serviço de atendimento e rastreamento da doença a mais 100 unidades sanitárias e ainda instalar uma unidade de referência em cada uma das 11 províncias. Moçambique chegou até a organizar a 7ª Conferência das primeiras-damas sobre o Cancro do Útero em África. As edições n.ºs 18 e 19 (Julho 2013; Maio 2019) dão conta da preparação do evento que contou com a coorganização da Princess Nikky Breast Foundation da Nigéria. Maria da Luz assumiu a presidência do Fórum por um ano e foi elogiada pelos seus esforços de sensibilização e combate à doença. No encontro, ficou patente que as esposas dos Chefes de Estado, embora sem poder executivo, podem nos seus países influenciar os sectores de decisão no sentido de estes serem mais atuantes em relação aos problemas de saúde pública.

No âmbito dos comprometimentos estabelecidos nestes encontros internacionais, Maria da Luz Guebuza realizou viagens a vários países onde para além de ser premiada pelo seu trabalho de sensibilização, angariou fundos para as devidas causas.

Na revista Chama n.º 11 (Julho 2010), pode ler-se sobre a participação, na Bélgica, no Fórum da Crans Montana de uma delegação não só composta pela primeira-dama, mas também, e pela primeira vez, a Ministra da Mulher e da Ação Social e ainda a empresária e filha Valentina Guebuza, em representação da Confederação das Associações Económicas de Moçambique. Aqui fez-se o apelo ao investimento em várias áreas de Moçambique e o apoio à criação do Instituto para a Dignidade da Mulher em África.

A edição n.º 17 (Fevereiro, 2013), refere a viagem aos EUA da primeira-dama ao projeto da ONG CURE (Comissão de Socorro Urgente e Equipamentos) em busca de equipamento médico hospitalar. Uma parceria que foi concretizada com apoio da empresa brasileira Rio Tinto que opera na exploração de carvão em Tete, e resultou no envio de dez contentores de 40 pés de material não especificado.

Sobre este tema, também o jornal Notícias (Fevereiro, 2013) escreve que a primeira-dama é a convidada de honra de uma cerimónia de angariação de fundos para a aquisição desses equipamentos. Um encontro do qual se esperava angariar pelo menos 3 milhões de dólares para a compra de material para o Hospital Central de Maputo, o provincial de Tete, o distrital de Moatize e o Hospital provincial de Sofala.

Maria da Luz Guebuza também acompanhou o Presidente da República em viagens oficiais para os EUA, Bélgica, Portugal, Namíbia e China. Em Novembro de

2011 chegou mesmo a deslocar-se sozinha com uma comitiva para a Índia durante 6 dias em representação do Presidente (van Wyk, 2017).

Depois da experiência da campanha eleitoral de 2004, a primeira-dama, nas suas visitas, também proferia habitualmente comícios populares. Numa visita a Boane, Maria da Luz apelou à necessidade do recenseamento eleitoral para o ato eleitoral de 15 de Outubro de 2014 (Notícias, Outubro 2013). Falando em Magude, em Maputo, Maria da Luz também repudiou os ataques da Renamo na região de Muxúnguè, em Sofala, e apelou à população a reforçar a vigilância contra os inimigos da paz. A primeira-dama garantiu à população que o Governo tudo fazia para acomodar a exigências da oposição, incluindo a revisão da lei eleitoral (Notícias 2014). O jornal Savana refere que em Manica, num comício, em Barué, Maria da Luz Guebuza, ‘atacou’ os estrangeiros ilegais que exploravam recursos minerais e apelou à população a não ceder de bandeja as riquezas do país e a denunciá-los às autoridades (Savana, 2008).

Maria da Luz Guebuza também abriu as portas do palácio da Ponta Vermelha para eventos festivos com crianças. Três centenas de crianças celebraram consigo o seu aniversário, e o Presidente também se fez presente, dando uma aula de cidadania às crianças (Jornal Notícias, 2014).

O Jornal ‘Notícias’ aponta Maria da Luz Guebuza como uma figura marcante pela causa social e refere que pelas suas inúmeras ações e de forma incansável a primeira-dama se destacou tanto a nível nacional como internacional. A primeira-dama abraçou muitas causas em defesa da mulher, da criança e do idoso e trouxe para Moçambique apoio financeiro para muitas iniciativas. Em 2013 foi eleita Personalidade do ano pela Organização das Mulheres Líderes Africanas (Jornal Noticias s/d).

Em resumo, Maria da Luz Guebuza criou o seu próprio instituto que trabalhou lado a lado com o GEPR, com os mesmos parceiros, mas com uma agenda de trabalho própria. Ainda que orientada para as temáticas traçadas pela agenda internacional (objetivos do milénio), a primeira-dama também as definiu como prioridades na agenda do país. Maria da Luz procurou parcerias, doadores e fundos para a concretização das suas atividades. Trabalhou em coordenação com as primeiras-damas africanas e promoveu os interesses nacionais e internacionais do país.

A primeira-dama tornou-se uma energética ativista de assuntos sociais. Nas suas visitas, Maria da Luz apresentava-se como uma autoridade governativa, foi-lhe confiado o poder de auscultação dos problemas da população, de fiscalização e inauguração de

obras. Houve quem lhe chamasse de ‘Vice-Presidente’ e ‘Presidenta’ porque o seu poder se confundia com o do próprio Presidente da República (Savana 2011).

Com base nesta extensa descrição de atividades realizadas por Maria da Luz Guebuza e tomando em conta a tipologia de van Wyk (2017), podemos associar esta primeira-dama ao tipo ‘Política’, ‘Ativista social’ e ‘Diplomata’.

4.4. Isaura Nyusi: Esposa/Mãe (Cerimonial e Ativista Social)

Isaura Gonçalo Ferrão Nyusi nasceu no dia 2 de Outubro de 1962, na cidade de Tete. É filha de um funcionário dos Correios e de uma professora, ambos já falecidos. Na sua infância, o seu pai, Firmino Ferrão, esteve preso na ilha de Moçambique por ligação à Frelimo. Com 6 anos, Isaura passou a viver em Nampula onde estudou até ao nível secundário, que terminou depois na cidade da Beira em Sofala. Isaura é sobrinha de Monsenhor Domingos Gonçalo Ferrão que foi sacerdote da Diocese da cidade de Tete e a quem se atribui a denúncia do Massacre de Wiriamu. (Carta de Moçambique, Março 2019)

Segundo dados biográficos oficiais, foi em Nampula que conheceu o engenheiro Filipe Nyusi, com quem se casou e tem 4 filhos (Página Facebook). Apaixonada pelo ensino, depois da independência nacional, teve o seu primeiro emprego na Educação, posteriormente nos Caminhos de Ferro de Moçambique e mais tarde no Instituto Nacional de Gestão de Calamidades em Maputo. Isaura Nyusi realizou os cursos profissionais de contabilidade e gestão de Recursos Humanos e a licenciatura em Comunicação Social, na Universidade Católica de Moçambique na Província de Nampula. A sua participação na vida política resume-se a atividades realizadas como membro da OMM em Nampula, muitas delas de âmbito sociocultural em colaboração com o Gabinete da Esposa do Governador da Província de Nampula.

Isaura Nyusi foi elevada primeira-dama de Moçambique com a investidura do seu esposo a 15 de Janeiro de 2015. Desde que assumiu o GEPR que a sua missão é:

“Ampliar a capacidade de intervenção do Presidente da República, contribuindo assim para a consolidação de um Moçambique unido, pacífico, de coesão entre os moçambicanos, de solidariedade social e com um desenvolvimento sustentável assente

na capacitação permanente do capital humano e a sua visão é uma sociedade de paz, harmonia e justiça social, que tem o Homem no centro de toda a ação e que valoriza o potencial criativo e a participação de cada moçambicano rumo ao desenvolvimento.”
(Folheto GEPR)

Como primeira-dama, Isaura Nyusi assumiu outros cargos inerentes, como o de Presidente da OMM, de patrona da Certificação das Maternidades e Enfermarias Modelo e de muitas iniciativas ligadas à saúde.

Nos últimos anos, o gabinete de Isaura Nyusi teve duas chefes de gabinete, mas no período da nossa pesquisa não tinha ninguém em funções. Em Abril deste ano, o Presidente da República nomeou Marla Dava como a nova chefe do gabinete.

O jornal Notícias refere que “as ações de assistência social levadas a cabo pelo gabinete da esposa do Presidente da República constituem um complemento na materialização das aspirações da população e impulsionam o Programa Quinquenal do Governo” (Jornal Notícias, 2018). A atuação de Isaura Nyusi e do seu gabinete ‘complementam’ os programas do Governo e, nesse âmbito, a primeira-dama realiza viagens de trabalho a vários distritos do país para se inteirar das necessidades e também distribuir bens materiais e alimentares doados por parceiros institucionais e do setor privado.

Para além da divulgação do trabalho do GEPR na imprensa e restante comunicação social pública, Isaura Nyusi também possui um perfil no Facebook onde partilha fotografias e comentários sobre encontros com os parceiros, as iniciativas que leva a cabo, as conferências em que participa, as visitas, mensagens de celebração de datas comemorativas e atividades do Presidente da República.

O informativo Carta de Moçambique refere que a família Nyusi triplicou o número de empresas nos últimos cinco anos. O boletim digital, com base num relatório do Centro de Integridade Pública (CIP), indica que a família aumentou de 5 para 14 registos empresariais. Num dos registos, Isaura Nyusi e um dos filhos são proprietários de uma empresa de agropecuária (Carta de Moçambique 24/02/20)

Um ano antes de se tornar primeira-dama, Isaura Nyusi recebeu aulas de protocolo e etiqueta de Paula Bobone, uma socialite portuguesa, que esteve em Maputo durante 15 dias e lhe prestou consultoria de protocolo social e imagem. Uma prática

também do gabinete da primeira-dama que “desde o tempo de Marcelina Chissano realiza cursos de etiqueta e boas maneiras para mulheres e esposas de outros dignatários que incluem a colocação de pratos, copos e talheres numa mesa de cerimónia, receção a convidados e indumentária formal” (Blog Macua 2015).

Isaura Nyusi é uma primeira-dama ativa na vida pública e social do país, presente e mediática, o que nos leva a concluir que se identifica com os perfis de ‘esposa e mãe’, ‘ativista social’ e ao mesmo tempo ‘cerimonial’.

Vamos, na próxima secção, conhecer algumas das suas atividades e confirmar a escolha destes.

4.4.1. Desempenho de Isaura Nyusi: 2015-Presente

Maria da Luz passou o testemunho de primeira-dama a Isaura Nyusi em Janeiro de 2015. Isaura Nyusi é primeira-dama há cinco anos e tem pela frente mais cinco em funções depois de Filipe Nyusi, o seu esposo e Presidente da República, ter sido reeleito nas Eleições Gerais de 2019.

Analisando os artigos de imprensa de forma cronológica, podemos detalhar as prioridades e atividades de Isaura Nyusi no exercício das suas funções.

A nova primeira-dama afirmou no dia em que recebeu as pastas e as chaves do Gabinete da Esposa do Presidente da República que a população em situação difícil com destaque para crianças, idosos e mulheres chefes de família iriam merecer maior atenção e apoio na implementação dos diferentes programas do GEPR. Isaura Nyusi garantiu também a continuidade do trabalho realizado (Notícias, Janeiro 2015).

No mesmo ano, Isaura Nyusi acompanhou o seu esposo numa visita oficial a Portugal onde manteve um encontro com as mulheres moçambicanas radicadas neste país e apontou o empoderamento económico, social, cultural e político da mulher como elemento fundamental para a erradicação da pobreza em Moçambique. A primeira-dama convidou estas mulheres ligadas a vários sectores de trabalho a investir na sua pátria (Notícias Julho 2015). Nas comemorações do Mês da Mulher, Isaura Nyusi destacou os avanços na emancipação da mulher. A primeira-dama assinalou os progressos na proteção dos direitos da mulher, no acesso das raparigas ao ensino, na redução da mortalidade materna e infantil e na participação nos órgãos de tomada de decisão.

Referiu que é prioridade do Governo promover a igualdade do género como forma de eliminar a pobreza na sociedade. Isaura Nyusi deu o exemplo da representação política da mulher moçambicana no parlamento, mas afirmou que ainda há desafios como o combate à violência doméstica e a prevenção de casamentos prematuros (Jornal Notícias, Março 2016).

No final de Dezembro de 2017, vários parceiros do GEPR renovaram o apoio a projetos. Isaura Nyusi reuniu-se com instituições e empresariado nacional para um balanço e a angariação de apoios para o futuro. A primeira-dama referiu que o GEPR nos últimos dois anos realizou atividades concretas como a entrega de diversos donativos em roupas, produtos alimentares e de higiene, material escolar e desportivo, meios de compensação como cadeiras de roda e canadianas para pessoas com deficiência. A primeira-dama referiu que o apoio foi canalizado para ajudar idosos, crianças, mulheres e raparigas de vários pontos do país e também como resposta de emergência em situações de calamidade natural (Jornal Notícias, Dezembro 2017).

Isaura Nyusi fez uma visita de trabalho de quatro dias a Nampula onde prestou ações de assistência em três municípios. A primeira-dama entregou uma viatura, 17 motorizadas, 20 computadores e 22 impressoras doados pela UNICEF à Direção Provincial do Género e Ação Social com o objetivo de impulsionar as ações dos governos distritais na assistência às populações. Para além de visitas a projetos agrícolas, Isaura Nyusi também realizou comícios populares sobre o empoderamento da mulher e reuniu-se com mulheres e líderes comunitários e religiosos a quem pediu colaboração na sensibilização para a importância da educação no combate de casamentos prematuros (Jornal Notícias, Junho 2018). Em Boane, Maputo, Isaura Nyusi entregou 48 toneladas de produtos diversos angariados pelo seu gabinete em parceria com empresários. Os apoios destinados às vítimas de um forte vendaval foram recebidos pelo presidente do município. Na ocasião, a primeira-dama falou da necessidade de “transformação das aldeias e vilas em espaços ecológicos integrados que explicou que são sítios para onde devem convergir todas as ações de combate à fome e à pobreza, que vão desde a produção agrícola, com destaque para culturas tolerantes à seca, criação de animais de pequena espécie, aquacultura, processamento e comercialização, acesso à rede de equipamentos sociais e segurança para as zonas rurais.” Isaura Nyusi também confortou as famílias e encorajou-as a continuarem a enfrentar as diferentes dificuldades com muita fé. (Jornal Notícias s/d)

Isaura Nyusi, patrona da iniciativa de restaurantes comunitários, defendeu no 1º Seminário sobre o tema, que estes não devem ser encarados como um gasto para o Estado, mas sim um investimento com retornos visíveis. De acordo com a primeira-dama, o projeto que se pretende estender a todo o país visa combater a desnutrição crónica da população de baixa renda ou carenciada e conta com apoio técnico da Agência Brasileira de Cooperação, Centro de Excelência de Luta contra a Fome de Brasília. O projeto estima a redução dos mais de 40% de casos de desnutrição para zero até 2020. (Notícias s/d)

Isaura Nyusi também mantém o público informado das suas atividades através da sua página de Facebook. A primeira-dama tem um perfil onde partilha com regularidade quase que diária, o seu trabalho com pequenos textos e fotografias de atos e eventos. Analisando o mês de Março de 2019, verificamos que Isaura Nyusi esteve envolvida numa série de atividades em homenagem à mulher. A publicação do dia 14 de Março refere-se ao dia do lançamento da Estratégia Nacional da Alimentação Infantil, um instrumento com o objetivo de harmonizar as normas e serviços de proteção, apoio e promoção da alimentação infantil para todas as crianças dos 0-24 meses (Facebook). No dia 16 de Março, Isaura Nyusi felicitou a Mulher Moçambicana pelo 46º aniversário da OMM e exortou a uma cultura de amor, solidariedade e esperança no seio das famílias (Facebook). No dia 21 de Março, a primeira-dama junta-se ao movimento de solidariedade lançado pelo governo às vítimas do Ciclone Idai. Isaura Nyusi exorta o apoio de todos com material médico e medicamentos (Facebook). No dia 31 de Março, Isaura Nyusi refere que depois de lançar o “Movimento Nacional de Solidariedade”, o Gabinete conseguiu recolher e entregar vários bens ao Instituto Nacional de Gestão de Calamidades. A primeira-dama também visitou a Cidade da Beira acompanhada do parceiro Israel Forum for International Humanitarian Aid (IsraAID) e depois de constatar o drama vivido por muitas famílias disse ser necessário definir ações de intervenção prioritárias a curto, médio e longo prazo (Facebook).

Em Setembro (na segunda fase da nossa recolha de dados), dia 9, a família Nyusi recebeu o Papa Francisco que visitou Moçambique, momento no qual Isaura Nyusi apelou ao uso sábio dos ensinamentos do líder da igreja católica no seio das famílias. Dia 12 de Setembro 2019, Isaura estava em campanha eleitoral pelo candidato da Frelimo e seu marido. Nas imagens veem-se ambos vestidos com as cores do partido, juntos e felizes a cumprimentar as multidões.

No Mês de Outubro, Isaura Nyusi fez uma digressão eleitoral por várias províncias do país para o segundo mandato de Filipe Nyusi nas Eleições Gerais de 15 de Outubro de 2020. Nos comícios exaltou as realizações do governo e apelou ao voto. E tal como Maria da Luz Guebuza, também Isaura Nyusi ao cair da noite em alguns distritos sentou-se à volta da lareira com a comunidade (Facebook).

Estas atividades de campanha eleitoral culminaram com a vitória maioritária do candidato e do partido Frelimo nas eleições gerais. Isaura Nyusi cumpre no presente momento e até 2025 as funções de primeira-dama do país.

Pela descrição destas atividades, reafirmamos que Isaura Nyusi se encaixa nos perfis de ‘esposa e mãe’, ‘ativista social’ e ao mesmo tempo ‘cerimonial’.

Na próxima secção iremos realizar uma análise comparativa para procurar semelhanças e diferenças na atuação (atividades) e prioridades (áreas temáticas) de cada uma das primeiras-damas de Moçambique. Uma análise que esperamos que nos ajude a sustentar a escolha dos perfis propostos para cada uma delas.

4.5. Conclusão: Primeiras-Damas de Moçambique em perspetiva comparada

Nesta secção vamos comparar os perfis das primeiras-damas moçambicanas com base no material recolhido sobre cada uma delas. Vamos procurar estabelecer semelhanças e detetar diferenças no que concerne às suas trajetórias, desempenho e atividades. Começaremos por focar as suas biografias e depois analisamos os seus perfis.

O primeiro aspeto que nos parece relevante salientar é que as quatro primeiras-damas são todas membros do partido no poder – a Frelimo. Pelo percurso de vida sabemos que três das primeiras-damas – Graça Machel, Marcelina Chissano e Maria da Luz Guebuza já eram militantes mesmo antes de conhecer os seus esposos. Graça Machel despertou a sua consciência política enquanto estudava em Portugal, Marcelina Chissano e Maria da Luz Guebuza juntaram-se muito jovens às fileiras do movimento por influência familiar e devido à perseguição que os seus pais sofreram pela PIDE. Estas três mulheres estiveram no campo da Frelimo de Nachingwea, na Tanzânia, onde fizeram formação militar e usaram as suas vocações para formar e apoiar o movimento. Graça Machel e Marcelina Chissano provavelmente até se cruzaram e conviveram.

Já como primeiras-damas e nas suas entrevistas, o seu envolvimento na luta anticolonial é recorrentemente lembrado.

“Nos nossos tempos, as causas eram muito claras. Talvez isso também facilitasse a adesão, a luta pela independência, luta para eu ganhar e reganhar a minha identidade como tal. Por isso, eu saí de Portugal e me juntei aos meios de proteção, fui obrigada a fazer o treino militar e trabalhar com as comunidades, isso era muito natural porque o objetivo era muito claro – era coletivamente claro.” (Graça Machel in Entrevista Fronteiras do Pensamento, 2019)

“As tarefas chamavam-nos e tínhamos que as executar. Aliás cheguei a perder um bebé com essa agitação, porque mesmo nos últimos dias de gravidez, não cheguei a parar e o resultado foi um nado morto. Mas nada podia fazer, estávamos em guerra e tínhamos que trabalhar.” (Marcelina Chissano in Jornal Notícias, 1996)

“Foi preciso muita coragem da parte do meu pai para tomar uma decisão destas de deixar tudo para trás e levar a família consigo.” (Maria da Luz Guebuza in Zimba 2014)

Isaura Nyusi tinha 13 anos quando se deu a independência e foi durante a infância que o seu pai e o seu tio foram presos pela PIDE, facto que também terá despertado a sua militância, mas ao contrário das suas homónimas, Isaura não fez formação militar nem esteve nos campos de treino.

Ainda no campo da experiência política Graça Machel é a única que faz parte da Comissão Política da Frelimo, o órgão de decisão do partido. Foi a única nomeada para um cargo político, o de Secretária de Estado e depois o de Ministra da Educação e Cultura e deputada. No âmbito das suas funções, em nenhum momento foi mencionada como primeira-dama e também não existia na altura um quadro institucional para o posto. A própria afirma que nunca se sentiu como a primeira-dama e que o seu trabalho e carácter nunca se moldaram pelo título que considera ser uma limitação ao papel da mulher.

No entanto, olhando para um dos P's da influência de uma primeira-dama, proposto por van Wyk (2017), o P' de passado enquadra-se na pessoa de Graça Machel pelo facto de ter casado com um líder revolucionário, ter sido a primeira-dama no Moçambique independente e ser considerada a 'mamã da nação'. Graça Machel é historicamente uma ex-primeira-dama e esse contexto é relevante para o estudo das primeiras-damas moçambicanas. Graça Machel também foi a única mulher no Governo de Transição e como a própria refere não tinha experiência e era muito jovem, mas mesmo assim foi nomeada. Na verdade, Graça Machel assumiu os cargos políticos antes de se tornar primeira-dama.

Graça Machel foi estudante universitária em Portugal, Maria da Luz Guebuza concluiu a 6ª classe, o que naquele tempo para um 'negro' era 'ser intelectual'. Depois do treino militar ambas foram colocadas em posições de relevo: Graça Machel como vice-diretora da Escola da Frelimo de Bagamoyo e Maria da Luz Guebuza como secretária e datilógrafa do Comissário Político da Frelimo, seu futuro marido, e de congressos da OMM. Marcelina Chissano, para além de estudar no Instituto Moçambicano onde conheceu Joaquim Chissano, trabalhou diretamente com Janet⁹ Mondlane, a esposa de Eduardo Mondlane, na angariação de apoios ao movimento.

Todas as primeiras-damas, excepto Marcelina Chissano deram continuidade aos seus estudos, alcançando o nível superior, ao mesmo tempo que eram mães e esposas. Graça Machel é hoje a única doutorada e com títulos *Honoris Causa* atribuídos por universidades conceituadas, mas já na altura era estudante universitária e tinha até mais habilitações do que Samora Machel. Maria da Luz Guebuza e Isaura Nyusi são licenciadas. A formação académica assim como a militância partidária são, pois, aspetos a considerar na análise comparativa das primeiras-damas.

Analisar as atividades que cada primeira-dama desempenhou permite-nos também conhecer o tipo de atuação de cada uma. Recorrendo aos dados recolhidos identificámos os perfis sintetizados no quadro 4. Identificamos perfis dominantes (que marcam a atuação das primeiras-damas), mas também perfis secundários.

⁹ Janet Mondlane, socióloga e cidadã norte-americana era a diretora do Instituto Moçambicano que formou quadros e militantes da Frelimo. Janet Mondlane, embora criticada pela sua cidadania e por ser mulher com um cargo tão relevante, é geralmente referida como a 1ª primeira-dama de Moçambique, mais do que por ser casada com o chamado 'arquiteto da unidade nacional', pelo seu envolvimento e protagonismo na luta. Na sua biografia, Janet refere que acolheu muitas jovens moçambicanas combatentes como Josina Machel, na sua própria casa, tratou-as como filhas e foi a sua confidente. (Manghezi, 2001)

Tabela 4 - Classificação das Primeiras-Damas moçambicanas

Primeira-Dama	Perfis dominantes e secundários	Principais atividades
Graça Machel	Dominante: Política Secundário: Ativista Social	Membro do Comité Central do partido; Assumiu cargos políticos; Participou em encontros de decisão; Implementou políticas públicas de educação (SNE); Promoveu a literacia; Promoveu campanhas de alfabetização; Liderou encontros de mulheres; Promoveu empoderamento da mulher através da educação; Participou em conferências internacionais sobre mulher; Promoveu a cultura moçambicana; Fez comícios; Fez campanha eleitoral; Fez viagens presidenciais oficiais;
Marcelina Chissano	Dominante: Esposa e Mãe Secundário: Ativista Social	Criou ONG (Pró-família); Angariou fundos e reuniu-se com parceiros; Implementou projetos de desenvolvimento; Fez entrega de donativos e apoio diverso; Inaugurou infraestruturas do Estado; Fez viagens provinciais;
Maria da Luz Guebuza	Dominante: Política Secundários: Ativista Social e Diplomática	Criou Instituto (Criança Nosso Futuro); Criou programa de Rádio (Vencedores) Criou Revista do GEPR (Chama) Angariou fundos e parceiros; Efetuou visitas provinciais;

		Fez “Presidência Aberta”; Fez comícios; Fez campanha Eleitoral; Promoveu políticas de saúde pública (vacinação contra cancro do colo); Promoveu iniciativas e campanhas de saúde; Participou em conferências internacionais das primeiras-damas; Fez viagens presidenciais com Presidente e sozinha;
Isaura Nyusi	Dominante: Esposa e Mãe Secundários: Ativista Social e Cerimonial	Fez viagens presidenciais; Angariou fundos e renovou parcerias; Fez entrega de donativos; Associou-se a movimentos de solidariedade (vítimas das calamidades naturais); Fez comícios populares sobre empoderamento da mulher; Fez campanha eleitoral; Participou em Conferências Internacionais de primeiras-damas;

Fonte: elaborado pela autora

Através deste quadro podemos então ficar a conhecer os perfis das quatro primeiras-damas moçambicanas e responder à nossa pergunta de investigação. O nosso estudo comparativo baseado na tipologia de van Wyk (2017) permite-nos concluir que as primeiras-damas moçambicanas possuem perfis que as distinguem entre si e cada uma possui até mais do que um perfil.

Graça Machel encaixa-se nos perfis de ‘Política’ e ‘Ativista Social’, Marcelina Chissano nos perfis de ‘Esposa e Mãe’ e de ‘Ativista Social’, Maria da Luz Guebuza nos perfis de ‘Política’, ‘Ativista Social’ e ‘Diplomata’ e, Isaura Nyusi nos perfis de ‘Esposa e Mãe’, ‘Ativista Social’ e ‘Cerimonial’. O que nos permite verificar também que há perfis dominantes e outros secundários, como demonstra o quadro 4.

Graça Machel e Maria da Luz Guebuza embora se enquadrem ambas no perfil ‘político’, e sendo este o mais dominante, não podemos considerar que tenham o mesmo tipo de função, tal como refere van Wyk (2017). Graça Machel foi efetivamente uma primeira-dama com cargos políticos, já Maria da Luz Guebuza possui ambição política e é vista como uma influência ou interferência política na governação do país. Maria da Luz Guebuza também estabeleceu a sua própria agenda, criou o seu Instituto privado, atraiu fundos de doadores e obteve o aval do Presidente da República nas suas ações e decisões. Ambas as primeiras-damas assemelham-se apenas pelo seu protagonismo político ativo e liderança. Maria da Luz Guebuza também foi ‘Diplomata’ ao representar com mais impacto o país no exterior: encaixando-se em três perfis distintos – ainda que o mais predominante seja o ‘político’.

Já Marcelina Chissano e Isaura Nyusi têm o perfil de ‘Mãe e Esposa’ como o mais dominante. São o tipo de primeira-dama do qual se espera determinados papéis femininos, que é porta-voz do programa do Governo, e que, de acordo com van Wyk (2017:8), é “subserviente, mulher troféu, reforça o papel do esposo e reflete o baixo estatuto da mulher na sociedade patriarcal.” Isaura Nyusi, ao contrário de Marcelina Chissano, também é ‘cerimonial’, pois mais frequentemente acompanha e representa o Presidente em eventos oficiais.

O perfil de ‘Ativista Social’, embora não seja o mais dominante em nenhuma das primeiras-damas, é o único comum a todas elas. O que significa que todas se dedicaram a temas e causas sociais por inerência da sua função de primeira-dama. Tanto Marcelina Chissano como Maria da Luz Guebuza criaram as suas instituições privadas e através destas implementaram as suas atividades de primeiras-damas. Por isso, ao abrigo da definição de van Wyk (2017), podemos concluir que eram mais ‘socialmente conscientes’. Graça Machel possui hoje as organizações FDC e o Graça Fund Trust que atuam junto à comunidade e Isaura Nyusi também apadrinha várias causas sociais nacionais.

Esta semelhança demonstra que é esperado que as primeiras-damas desempenhem uma função social, essa parece ser uma marca comum – independentemente das diferenças que possam existir. Para melhor explorar este perfil realizamos a seguir uma análise comparativa mais fina.

Graça Machel, Maria da Luz Guebuza e Isaura Nyusi foram professoras e Marcelina Chissano, enfermeira parteira, mas quando se tornaram primeiras-damas, as

quatro mulheres deixaram os seus trabalhos e focaram-se nas novas funções que lhes foram atribuídas. Graça Machel, enquanto Ministra da Educação e Cultura desenvolveu atividades nas respetivas áreas com impacto em todo o território nacional. As restantes primeiras-damas, durante o período em que chefiaram o GEPR, definiram cada uma o seu plano de ação com áreas e regiões prioritárias e grupos beneficiários específicos (ver quadro 5).

Tabela 5 - Áreas de ação e grupo alvo

Primeira-dama	Áreas de ação	Grupo alvo	Local
Graça Machel	Educação, Cultura e Mulher	População em geral	Todo o país
Marcelina Chissano	Habitação, Saúde, Educação, Microcrédito	Mulher, criança, idoso;	Zambézia, Niassa, Nampula, Gaza, Inhambane e Maputo. (Sofala, Cabo Delgado e Tete)
Maria da Luz Guebuza	Saúde, Educação	Criança, mulher	Inhambane, Maputo, Sofala, Zambézia e Manica, Nampula, Tete e Cabo Delgado, Niassa
Isaura Nyusi	Educação, Saúde	Criança, idoso, mulher	Maputo, Nampula, Sofala, outras províncias

Fonte: Elaborado pela autora

A partir deste quadro podemos notar que as primeiras-damas tinham agendas essencialmente viradas para as áreas da educação e saúde, aquelas que geralmente são confiadas às mulheres no Governo. No caso de Marcelina Chissano, a sua ação estendeu-se às áreas de habitação e microcrédito muito provavelmente devido ao contexto da guerra e do apoio humanitário.

Com exceção de Graça Machel, cujo trabalho visava abranger todos os cidadãos moçambicanos, o grupo alvo das restantes primeiras-damas foram os mais vulneráveis:

a mulher, a criança e o idoso; no entanto, algumas províncias foram mais contempladas com apoio assistencial do que outras. Marcelina Chissano por exemplo, concentrou o apoio nas províncias da Zambézia, Niassa, Nampula, Gaza, Inhambane e Maputo e só em casos pontuais fez chegar o apoio do GEPR a outras províncias. No caso de Maria da Luz Guebuza e Isaura Nyusi é interessante verificar-se através das suas visitas, que, por razões de campanha eleitoral, estas percorreram todas as províncias do país, mas no que diz respeito a projetos desenvolvidos localmente estes só foram implementados em algumas províncias.

Como vimos na descrição das atividades, as iniciativas, as campanhas e os projetos desenvolvidos pelas primeiras-damas, com foco na mulher e na criança, foram diversos e podemos resumi-los nas seguintes temáticas: (Ver quadro 6).

Tabela 6 - Foco das atividades das Primeiras-Damas de Moçambique

Primeira-Dama	Mulher	Criança
Graça Machel	Alfabetização Emancipação da Mulher: consciência social e política	Acesso à educação;
Marcelina Chissano	Emancipação da Mulher: microcrédito; Formação profissional;	Apoio a órfãos de guerra, crianças de rua e sua integração na família
Maria da Luz Guebuza	Emancipação da mulher: escolarização das raparigas; fim dos casamentos precoces; Apelo ao empreendedorismo; Programas de sensibilização e combate ao HIV/SIDA, malária, Cancro do colo do útero;	Proteção dos direitos das crianças; Apelo ao registo civil; Apoio assistencial a orfanatos;
Isaura Nyusi	Empoderamento da mulher: igualdade de direitos e oportunidades; proteção dos direitos da mulher; Combate à violência doméstica; Acesso da rapariga ao	Promoção da alimentação infantil

	ensino, combate a casamentos prematuros;	
--	--	--

Fonte: elaborado pela autora

Deste quadro, o aspeto comum que parece importante realçar é que todas as primeiras-damas, no âmbito das suas atividades em prol da mulher, se focaram ou defenderam a ‘emancipação’ e o ‘empoderamento’ desta. No entanto, cada uma prioriza um tipo específico de emancipação.

Graça Machel, por exemplo, apela a uma emancipação consciente, isto é, ao papel social e político da mulher na sociedade e a importância da educação nessa libertação. Marcelina Chissano apoiou a emancipação dando os meios e as ferramentas para as mulheres se capacitarem: microcréditos e formação. Já Maria da Luz Guebuza concentrou a sua atenção na escolarização das raparigas e na saúde da mulher, uma causa defendida também por Isaura Nyusi que olha a emancipação como a igualdade de direitos e oportunidades entre homens e mulheres. Assim, podemos concluir que as quatro primeiras-damas promoveram a emancipação e o papel da mulher moçambicana ainda que alinhadas no programa do Governo, do partido, da OMM e até de uma agenda de desenvolvimento internacional.

Embora todas elas como ‘ativistas sociais’ tenham representado temas da mulher e evocado a necessidade da emancipação da mulher moçambicana, cremos que esse processo tenha sido promovido e obtido mais resultados nos mandatos de Graça Machel e de Maria da Luz Guebuza por serem elas próprias um exemplo e o produto de famílias que apostaram na sua educação e que acreditaram no empoderamento da mulher. Ao contrário de Marcelina Chissano e Isaura Nyusi que simbolizam o papel tradicional da mulher e acentuam até estereótipos de género.

Ao longo da nossa pesquisa, só nos deparamos com um artigo e de Maria da Luz Guebuza que fala do trabalho da primeira-dama com o atual Ministério do Género, Criança e Ação Social (Chama n.º 11, Julho 2010). No texto é referida a viagem à Bélgica e a participação no Fórum Crans Montana e onde apenas se sabe que também a Ministra do pelouro esteve presente. Este Ministério, desde o tempo de Marcelina Chissano, que parece ausente ou à parte das ações do GEPR, ou porque têm agendas diferentes ou porque as do GEPR têm prioridade e um impacto maior. O que nos leva a

crer, como se referiam comentadores políticos no artigo do Savana (Savana 2011), que o trabalho do GEPR se sobrepõe e ofusca o do Ministério.

De um modo geral, os avanços em prol da igualdade do género não são uma conquista do GEPR, cuja ação não é abrangente a todas as mulheres nem a todos os níveis da vida pública. Os principais parceiros do GEPR são países, organizações internacionais doadores, instituições religiosas, empresas e nenhuma organizações femininas de mulheres. O GEPR tem uma agenda própria que caminha a par das orientações do Governo e do partido no poder.

O que nos faz concluir que as primeiras-damas são ativistas sociais que representam temas de mulher, criança, saúde e educação por inerência da sua função enquanto esposas do Presidente da República.

Olhando as primeiras-damas moçambicanas a um nível regional, em particular da África austral, surge também o interesse de as comparar com as primeiras-damas de Angola, por se tratar de um país de língua portuguesa com um passado histórico semelhante. Embora Angola só tenha tido duas primeiras-damas, Ana Paula dos Santos, esposa de José Eduardo dos Santos, e Ana Dias Lourenço, esposa do atual Presidente João Lourenço, também elas se diferenciam entre si.

Com base na tipologia de van Wyk (2017), Ana Paula dos Santos tal como Marcelina Chissano e Isaura Nyusi parece encaixar-se no perfil ‘Esposa e Mãe’, e Ana Dias Lourenço, assim como Graça Machel e Maria da Luz Guebuza, no perfil ‘Político’. O caso de Ana Dias Lourenço é interessante, pois também ela, antes de se tornar primeira-dama, já era uma mulher envolvida na política. Ana Dias Lourenço, economista de formação, exerceu vários cargos políticos. Foi Ministra do Planeamento em 2010, no Governo de José Eduardo dos Santos, e antes de ser primeira-dama assumiu muitas outras funções, entre as quais deputada, Presidente do Conselho de Ministros da SADC e o de Governadora de Angola para o Banco Mundial (Pitigrill.com) Depois de se tornar primeira-dama, Ana Dias Lourenço viu criado, por decreto de lei em 2018, o Gabinete da Esposa do Presidente da República e, desde então, deixou se assumir funções governativas. (Diário de Notícias, Fevereiro 2018)

Esta e outras análises contribuem assim para alargar o nosso conhecimento sobre as primeiras-damas, em perspetiva comparada.

CAPÍTULO 5. CONCLUSÃO

O presente estudo tinha como objetivo identificar o perfil das primeiras-damas de Moçambique: Graça Machel, Marcelina Chissano, Maria da Luz Guebuza e Isaura Nyusi. Nesse sentido, e de forma a responder à questão ‘Qual o perfil das diferentes primeiras-damas?’, elaborámos uma análise comparativa com base em material diverso (entrevistas, notícias, biografias, etc.) recolhido sobre as mesmas.

A partir dos dados qualitativos recolhidos realizamos uma análise descritiva dos trajetos, atividades e desempenhos das primeiras-damas que depois classificámos de acordo com a tipologia de perfis de primeiras-damas de van Wyk (2017). A análise tipológica revelou-se desafiante na medida em que as várias primeiras-damas apresentam mais do que um perfil. Com efeito, Graça Machel encaixa-se nos perfis de ‘Política’ e ‘Ativista Social; Marcelina Chissano nos perfis de ‘Esposa e Mãe’ e ‘Ativista Social’, Maria da Luz Guebuza enquadra-se nos perfis de ‘Política’, ‘Ativista Social’ e ‘Diplomática’, e Isaura Nyusi nos perfis de ‘Esposa e Mãe’, ‘Ativista Social’ e ‘Cerimonial.’ No entanto, parece-nos que há perfis mais dominantes do que outros. Por exemplo, Graça Machel e Maria da Luz Guebuza tem um perfil mais ‘Político’ e Marcelina Chissano e Isaura Nyusi parecem ser mais ‘Esposa e Mãe’ do que ‘Ativista Social’ e ‘Cerimonial’, respetivamente.

Graça Machel e Maria da Luz Guebuza foram as politicamente mais ambiciosas e ativas, as que tinham maior proximidade e confiança política com o Presidente da República, as que tinham a sua própria agenda e as que elevaram o debate do empoderamento da mulher e a promoção dos seus direitos e igualdades. Marcelina Chissano e Isaura Nyusi, ao contrário, não parecem ter a mesma confiança política do Presidente da República, cumprem a agenda do Governo, e não assumiram a liderança nas questões do empoderamento da mulher.

No entanto, e como também podemos constatar, o perfil de ‘Ativista Social’ é comum a todas as primeiras-damas. Todas elas acabaram por desempenhar atividades nas áreas da educação e da saúde, e representar temas da mulher, da criança e do idoso. O envolvimento social parece ser o objetivo projetado e expectável da função de primeira-dama do país. A ‘intervenção política’ e o ser mais ‘socialmente consciente’ é fruto de uma maior proximidade e confiança política com o Presidente e acaba por extravasar esse papel social esperado das primeiras-damas.

A multiplicidade de perfis revela que a tipologia de van Wyk (2017) não é de todo estanque, isto é, não possui categorias nominais e por isso, temos que ter a noção da sua imprecisão e simplificação da realidade. É um método de classificação útil e parcimonioso e que quisemos utilizar de forma dinâmica e exploratória. O uso e teste da aplicabilidade desta tipologia foi um desafio em dois sentidos. Por um lado, porque as primeiras-damas desempenham várias atividades associadas a diferentes perfis. Por outro lado, porque a nossa análise recorreu a dados qualitativos, algo variáveis. A quantidade e a qualidade do material consultado também foram idênticas nem na mesma proporção a todas as primeiras-damas. Ao longo do estudo, sentimos a necessidade de ter mais elementos para consolidar os perfis que fomos identificando, no entanto, não foi possível nem realizar entrevistas nem coligir outro tipo de dados. Estes constrangimentos levam-nos a pensar sobre a relevância de outros instrumentos de análise, em estudos futuros. Por exemplo, a realização de entrevistas às próprias primeiras-damas para uma melhor definição do perfil de cada uma ou até a construção de outras ferramentas (por exemplo escalas) que nos permitam uma análise quantitativa e mais sistemática das atividades realizadas.

Apesar das limitações, a tipologia de van Wyk (2017) permitiu-nos identificar os perfis das diferentes primeiras-damas moçambicanas, contribuindo assim para clarificar um fenómeno até então desconhecido. Este estudo mostra-se relevante porque contribui para a literatura sobre primeiras-damas e porque posiciona o país no debate e no panorama de estudos comparativos sobre o tema. Para além disso é um contributo para os estudos sobre a relação entre género e política, em África e não só.

Para concluir gostaríamos de deixar algumas pistas para investigação futura. Em primeiro lugar parece-nos fundamental a realização de estudos sobre o orçamento e o financiamento do GEPR e a relação deste com o Ministério do Género, da Criança e da Ação Social para melhor compreender o trabalho de cada instituição, o que não pudemos fazer nesta investigação por falta de dados. Em segundo lugar, parece-nos interessante explorar outras questões, nomeadamente referentes às memórias destas mulheres – e.g. o seu envolvimento na luta anticolonial - que poderão ajudar a construir uma história feminina da guerra de libertação e até da guerra civil. Uma história das próprias mulheres sobre o seu protagonismo que seja mais inclusiva e abrangente.

BIBLIOGRAFIA

- Badas, A., & Stauffer, K. E. (2019). Michelle Obama as a Political Symbol: Race, Gender, and Public Opinion toward the First Lady. *Politics and Gender*, 15(3), 431–459. <https://doi.org/10.1017/S1743923X18000922>
- Bauer, G., & Burnet, J. E. (2013). Gender quotas, democracy, and women's representation in Africa: Some insights from democratic Botswana and autocratic Rwanda. *Women's Studies International Forum*, 41, 103–112. <https://doi.org/10.1016/j.wsif.2013.05.012>
- Bauer, G., Darkwah, A., Patterson, D., Bauer, G., Darkwah, A., & Patterson, D. (2017). Women and Post-Independence African Politics. *Oxford Research Encyclopedia of African History*, (September 2018), 1–26. <https://doi.org/10.1093/acrefore/9780190277734.013.202>
- Bennett, A., & Elman, C. (2006). Qualitative Research: Recent Developments in Case Study Methods. *Annual Review of Political Science*, 9(1), 455–476. <https://doi.org/10.1146/annurev.polisci.8.082103.104918>
- Caroli, B. B. (1995). *First ladies*. (O. U. Press, Ed.). <https://doi.org/10.2307/1889676>
- Casimiro, I. M. (2004). *Paz na Terra, Guerra em Casa: Feminismo e organizações de Mulheres em Moçambique*. (Universidade Federal de Pernambuco, Ed.). Editora UFPE.
- Chao, C.-C., & Yahui, Z. (2020). The “First” First Lady of China and the “First Black” First Lady of America in the Media's Portrayal. In C.-C. Chao & L. Ha (Eds.), *Asian Women Leadership - A Cross-national and Cross-Sector Comparison*. Routledge.
- Chichava, S. (IESE). (2008). Por Uma Leitura Sócio-Histórica da Etnicidade em Moçambique.
- Collier, D. (1993). The Comparative Method. In A. W. Finifter (Ed.), *Political Science: The State of the Discipline II*. Washington DC.
- Collier, D., LaPorte, J., & Seawright, J. (2012). Putting Typologies to Work. *Political Research Quarterly*, 65(1), 217–232. <https://doi.org/10.1177/1065912912437162>
- Erickson, Keith V., & Thomson, S. (2012). First Lady International Diplomacy: Performing Gendered Roles on the World Stage. *Southern Communication*

- Journal*, 77(3), 239–262. <https://doi.org/10.1080/1041794X.2011.647502>
- Erickson, Keith V., & Thomson, S. (2012). First lady international diplomacy: Performing gendered roles on the world stage. *Southern Communication Journal*, 77(3), 239–262. <https://doi.org/10.1080/1041794X.2011.647502>
- Franceschet, S., Lenakrook, M., & Tan, N. (2019). *The Palgrave Handbook of Women's Political Rights*. Palgrave Mcmillan UK.
- Gillham, B. (2000). *Real World Research: Case Study Research Methods*. Continuum.
- Guerrero Valencia, C., & Arana Araya, I. (2019). Las primeras damas como miembros de la élite política. *América Latina Hoy*, 81, 31. <https://doi.org/10.14201/alh2019813149>
- Gutin, M. G. (1989). *The President's Partner: The First Lady in the Twentieth Century*. Praeger Pubtea.
- Ibrahim, J. (2004). The First Lady Syndrome and the Marginalisation of Women from Power: Opportunities or Compromises for Gender Equality? In *Feminist Africa* (Vol. September, pp. 48–69). <https://doi.org/10.1017/CBO9781107415324.004>
- Lobo-Fernandes, L. F. (2005). Elogio ao Dr. Joaquim Alberto Chissano: Praise to Dr. Joaquim Alberto Chissano. *Perspectivas - Journal of Political Sciences*, 1, 61–68. Retrieved from <https://www.perspectivasjournal.com/article/view/414>
- Mama, A. (1995). Feminism or femocracy? State feminism and democratisation in Nigeria. *Codesria*, 20(1), 37–58.
- Manghezi, N. (2001). *O Meu Coração está nas mãos de Um Negro*. Maputo: Imprensa Universitária.
- Mosse, M. (2004). Corrupção em Moçambique : Alguns elementos para debate Corrupção Em Moçambique.
- O 'connor, K., Nye, B., & Assendelft, L. Van. (1996). Wives in the White House: The Political Influence of First Ladies. *Presidential Studies Quarterly*, 26(3), 835–853. Retrieved from <http://www.jstor.org/stable/27551636>
- Obama, M. (2018). *Becoming - A minha história* (Objectiva). Penguin Random House.
- Parry-Giles, S. J., & Blair, D. M. (2002). The Rise of the Rhetorical First Lady: Politics, Gender Ideology, and Women's Voice, 1789-2002. *Rhetoric & Public Affairs*, 5(4), 565–599. <https://doi.org/10.1353/rap.2003.0011>
- Pitkin, H. F. (1972). *The Concept of Representation*. Berkeley: University of California Press. <https://doi.org/10.2307/2217708>
- Sanches, E. R. (2014). “Novo Contexto mas Velha Política”:Evolução do Sistema

- Partidário moçambicano entre 1994 e 2014. “ *Espaço Lusófono* ” *Trajectórias Económicas e Políticas* “ *Espaço Lusófono* ” *Económicas e Políticas*, 34–83.
- Sanches, E. R. (2020). Mozambique - Filipe Nyusi: an embattled president in times of troubled comradery and ominous tides. Retrieved September 19, 2020, from <https://presidential-power.net/?p=9628>
- Sukarieth, M. (2015). The first Lady Phenomenon. In *Comparative Studies of South Asia, Africa and the Middle East* (Vol. 35, pp. 575–587). Duke University Press. <https://doi.org/10.4324/9780429400568-6>
- Tozzo, É. A. (2004). Rosine Soglo, famille et entreprise politique. *Politique Africaine*, 3(95), 71–90.
- Tripp, A. M. (2013). *Political Systems and Gender*. Oxford University Press. <https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780199751457.013.0020>
- Tripp, A. M. (2016). Women’s mobilisation for legislative political representation in Africa. *Review of African Political Economy*, 43(149), 382–399. <https://doi.org/10.1080/03056244.2016.1214117>
- van Wyk, J.-A. (2017). The First Ladies of Southern Africa: Trophies or Trailblazers? *Politikon*, 44(1), 157–172. <https://doi.org/10.1080/02589346.2017.1279804>
- van Wyk, J. A. (2018). Political leadership and sustainability in Africa: Margaret Kenyatta. *The Palgrave Handbook of Sustainability: Case Studies and Practical Solutions*, 347–358. https://doi.org/10.1007/978-3-319-71389-2_18
- Wang, N. (2018). “first Lady Diplomacy” and the construction of national image. *Place Branding and Public Diplomacy*, 14(2), 125–136. <https://doi.org/10.1057/s41254-018-0097-7>
- Watson, R. P. (1997). The First Lady Reconsidered: Presidential Partner and Political Institution. *Presidential Studies Quarterly*, Vol 27(No 4 Rules of the Game: How to play the Presidency), 805-818 (14 pages).
- Watson, R. P. (2000). *The President’s Wives: Reassessing The Office of First Lady*. Lynne Rienner Publishers.
- Wekkin, G. D. (2000). Role constraints and first ladies. *Social Science Journal*, 37(4), 601–610. [https://doi.org/10.1016/S0362-3319\(00\)00099-9](https://doi.org/10.1016/S0362-3319(00)00099-9)

FONTES

Legislação:

- *Boletim da República de Moçambique Número 36*, I Série – Número 36, de 10 de Setembro de 1990. Decreto Presidencial n.º 27/1990. Estatuto Orgânico da Presidência da república. Imprensa Nacional de Moçambique. Maputo.
- *Boletim da República de Moçambique Número 10*, I Série – Número 10, de 14 de Março de 2005. Decreto Presidencial n.º 14/2005. Estatuto Orgânico da Presidência da república. Imprensa Nacional de Moçambique. Maputo.
- *Boletim da República de Moçambique Número 25*, I Série – Número 25, de 19 de Junho de 2008. Decreto Presidencial n.º 5/2008. Estatuto Orgânico da Presidência da república. Imprensa Nacional de Moçambique. Maputo.
- *Boletim da República de Moçambique Número 15*, I Série – Número 15, de 20 de Fevereiro de 2015. Decreto Presidencial n.º 4/2015. Estatuto Orgânico da Presidência da república. Imprensa Nacional de Moçambique. Maputo.
- *Boletim da República de Moçambique Número 105*, I Série – Número 105, de 31 de Maio de 2019. Lei n.º 7/2019. Organização e funcionamento dos órgãos de representação do Estado na província. Imprensa Nacional de Moçambique. Maputo.

Outros:

- (1994), "Campanha para as eleições presidenciais em 1994", Fundação Mário Soares / DMT - Documentos Malangatana, Disponível HTTP: http://hdl.handle.net/11002/fms_dc_116994 (2020-7-21)
- Obama, Michelle (2018). *Becoming: A minha história*. Penguin Random House. Lisboa.
- Insideout:

<https://www.youtube.com/watch?v=n1q3qwcV83o>

Graça Machel:

- <https://www.buala.org/pt/cara-a-cara/graca-machel>
- <https://revistamarieclaire.globo.com/Mulheres-do-Mundo/noticia/2018/06/graca-machel-muito-mais-que-sra-mandela.html>
- <https://www.fronteiras.com/noticias/graca-machel-responde>

Ana Dias Lourenço:

- <https://www.dn.pt/lusa/primeira-dama-angolana-com-gabinete-para-apoiar-projetos-e-campanhas-sociais-9098520.html>

ANEXOS

ANEXO A – Fontes qualitativas consultadas, por Primeira-dama

1. Graça Machel (1975-1986)

1) Artigos de Imprensa

Artigo	Jornal	Data	Título	Tema
1	Notícias	23.03.1975	Fortalecer a Democracia popular nas escolas	- Secretário de Estado da Educação e Cultura Graça Machel fala do papel das escolas como centros de formação do homem novo;
2	Notícias	2.08.1977	É necessário dominar a ciência para conquistar independência económica	- Ministro da Educação e Cultura Graça Machel fala da importância da alfabetização para a construção do Socialismo em Moçambique
3	Notícias	15.08.1977	Devemos assumir que a luta da Mulher é parte integrante da política do partido	- Depoimentos de membros da OMM após viagem para Cuba, URSS e Bulgária; - Graça Machel fala da experiência e o enquadramento das mulheres na vida produtiva e política;
4	Notícias	1981	Preparar quadros para o desenvolvimento económico, social e cultural	Discurso do Ministro da Educação E Cultura na apresentação do Sistema Nacional de Educação
5	Notícias	7.07.19?	7 de Abril: Dia da Mulher Moçambicana	Graça Machel sobre a emancipação da mulher e o papel da OMM sob orientação do partido Frelimo
6	Notícias	28/07/83	Vossa Vinda é sinal de amizade e solidariedade	Graça recebe músico zaireense
7	Casa Comum	1994	Campanha para as eleições presidenciais de 94	Campanha de Graça em Matalana

2) Entrevista STV (28.10.2016)

<https://www.youtube.com/watch?v=GjZk4Q1uGqc>

2. Marcelina Chissano (1986-2005)

1) Livro “Moçambique no Coração” do GEPR

2) Artigos de imprensa

Artigo	Jornal/boletim	Data	Título	Tema
1	Notícias	1996	Antipática não, só que não sou espontânea	- Marcelina Chissano fala sobre o seu passado e como é ser primeira-dama;
2	Metical	1997	Marcelina	Expropriações de terra; - Ocupação ilegal de apartamento
3	Notícias	1999	Vamos repartindo o pouco que temos	- Marcelina fala sobre a família, passado combatente e a ONG Pró-família e suas atividades sociais

3. Maria da Luz Guebuza (2005-2015)

1) Biografia

2) 10 Revistas Chama (Gabinete da Esposa do Presidente da República)

Nº	Data/capa	Editorial	Temas
3	Abril, 2008 – Armando Guebuza: Vida Familiar e pensamentos	- Guebuza: PR, cidadão, pai e chefe de família - OMM, 35 anos	- Casal Guebuza assinala aniversários especiais - Encontro de 1ªs Damas na Etiópia (Violência contra a Mulher), UA - Donativo Amelpa - Dia Mundial da Água - Projeto Criança Nosso Futuro - Viúvas de Tsangano, Tete
11	Julho, 2010 - 35 anos Independência Nacional	- Desafios dos moçambicanos	- Simpósio Malária - 21º Fórum Crans Montana, Bélgica (prémio) - Instituto privado Criança Nosso Futuro - Criação do Instituto para a Dignidade da Mulher em África
12	Março, 2011 - Instituto Criança Nosso Futuro abre portas	- Mais vigor na governação em 2011	- ICNF lançado - Campanha Malua (criança) do ICNF - Visitas da 1ª dama aos EUA, Bélgica e Portugal - Lançamento livro criança (prefácio 1ª dama)
13	Setembro, 2011 - O despontar de um novo começo (projetos)	- 25 de Junho, dia da independência - OMM na luta contra a pobreza: III Congresso; mudança de secretárias	- Intercâmbio social com Namíbia - 1ª dama em Inhambane (projetos do Fundo de Desenvolvimento Distrital) - Visita a Maputo e unidades sanitárias - Primeiras-damas africanas e HIV(OAFLA) Guiné Equatorial
14	Novembro 11 - Homenagem a Samora Machel	Ano Samora Machel	- Maria da Luz na China - Primeira-dama estimula trabalho Sofala, Zambézia e Manica - Capacitação de lideranças femininas - 1ª Dama no Mali VISAIO 2010 Saúde Materno

			infantil
15	Abril 2012 - Um ano de Glória	- 50 Frelimo, 20 anos Paz e 35 anos da OJM	- Grande entrevista Maria da Luz Guebuza: combate à pobreza - Conferência Dakar: Planeamento Familiar - 1ª Dama em Nampula, Tete, Cabo Delgado (2011) - Viagem e apoio Índia: 5 milhões USD
16	Novembro 2012 - Glamour Festa da Chama (5 anos)	- Preparativos do 10º Congresso, realização da 60ª Sessão Comissão Política	- 6ª Conferência Medidas combate ao Cancro do colo do útero (Zâmbia); - Clínica Móvel Barclays Bank em Massinga - Inauguração Centro Dream, combate ao HIV/SIDA Beira (Sto Egidio) - 1ª Dama em Gaza, Inhambane e Sofala: dormidas nas povoações e fogueiras - Festa Chama: objetivos da revista, temáticas - Inst Criança Nosso Futuro recebe instrumentos musicais da Ass. Povo Chinês
17	Fevereiro 2013 - Solidariedade	Ano de solidariedade	- 1ª Dama busca apoios para saúde nos EUA/CURE - 1ª dama Visita Centro de acomodação de afetados das cheias no Chokwê - Nampula com novo hospital
18	Julho 2013 - Flores da Vida	Homenagem á Mulher	- 1ª Dama em Nicosadala, Zâmbia visita vítimas de cheias - Preparação da 7ª Conferência das 1ªs Damas sobre Cancro do útero em África (Maputo) - 1ª Dama no Chimoio
19	Maio de 2014 - África evolui na luta contra o cancro	- 7ª Conferência s/ Cancro das 1ª Damas -	- 1ª Dama em Nova York para lançar campanha de eliminação do cancro do útero - Maria da LUZ patrona do Plano Global para Eliminação das novas Infecções ONUSIDA - 1ª Dama visita Zâmbia para se - 7ª Conferência sobre Cancro: charme das 1ª damas - 1ª Dama apoia casamentos coletivos em Maputo e Zâmbia - 1ª Dama encontra-se com jogadoras de Basquetebol

3. Artigos de Imprensa

Artigo	Jornal	Data	Título	Tema
1	Savana	24.11.2006	primeira-dama Censurada	- Visitas da 1ª dama aos distritos suscitam críticas sobre gastos e abuso de poder; - Considerada vice-presidente do país
2	Savana	7.11.2008	Maria da Luz ataca estrangeiros ilegais	- 1ª Dama apela à denúncia de estrangeiros que exploram ilegalmente recursos minerais em Catandica, Barué
3	Savana	7.11.2008	Tirar votos em terrenos pantanosos	- 1ª Dama foi ao bairro 7 de Abril, caçar votos onde vivem ex-trabalhadores da

				Textáfrica e CFM;
4	Savana	7.11.2008	Jornalistas espezinhados	- Jornalistas que cobriam viagem da 1ª Dama a Barué sem transporte, alimentação e alojamento
5	Notícias	30.12.09	1ª Dama apoia projeto Kapulana	- Construção de 64 unidades hoteleiras em todo o país; - Instituto Nacional do Turismo
6	Savana	23.09.11	Uma Presidenta inconstitucional	Críticas e comentários às visitas da 1ª Dama
7	Notícias	22.11.11	primeira-dama defende empoderamento da mulher	- Palestra dada na Universidade Lúrio em Nampula por alusão do Dia Mundial dos Estudantes
8	Notícias	2013	Devemos afluir aos postos de recenseamento	- 1ª Dama exorta num comício em Boane a população a recensear para as Eleições gerais;
9	Notícias	Fev. 2013	1ª Dama e Rio Tinto Moçambique angariam fundos para equipamentos hospitalares	- Visita aos EUA e ao projeto CURE - Apoio aos hospitais Maputo Tete e Beira; - Apoio da Rio Tinto como solidariedade social
10	Notícias	Fev.2013	ONUSIDA apoia gabinete da primeira-dama	- Assinado acordo de 3 anos para ações de mitigação e prevenção.
11	S/referência Notícias?	s/data	Figura marcante pela causa social	-1ª Dama eleita personalidade de 2013 pela Org. Mulheres africanas na Liderança
12		6.02.14	Ponta Vermelha aberta à pequenada	- Visita de 3 centenas de crianças aos jardins do palácio para festejar o aniversário da 1ª dama
13		10.04.14	primeira-dama repudia ataques da Renamo	- Maria da Luz apela num comício em Magude (Maputo) à população a denunciar ações que perturbem a paz

4.Isaura Nyusi (2015-presente)

1)Artigos de imprensa

Artigo	Jornal	Data	Título	Tema
1	Notícias	20.01.15	Maior atenção aos grupos carenciados	Isaura Nyusi assume Gabinete e compromete apoiar os mais carenciados;
2	Notícias	20.07.15	1ª Dama defende empoderamento da mulher	Na visita a Portugal Isaura Nyusi defendeu

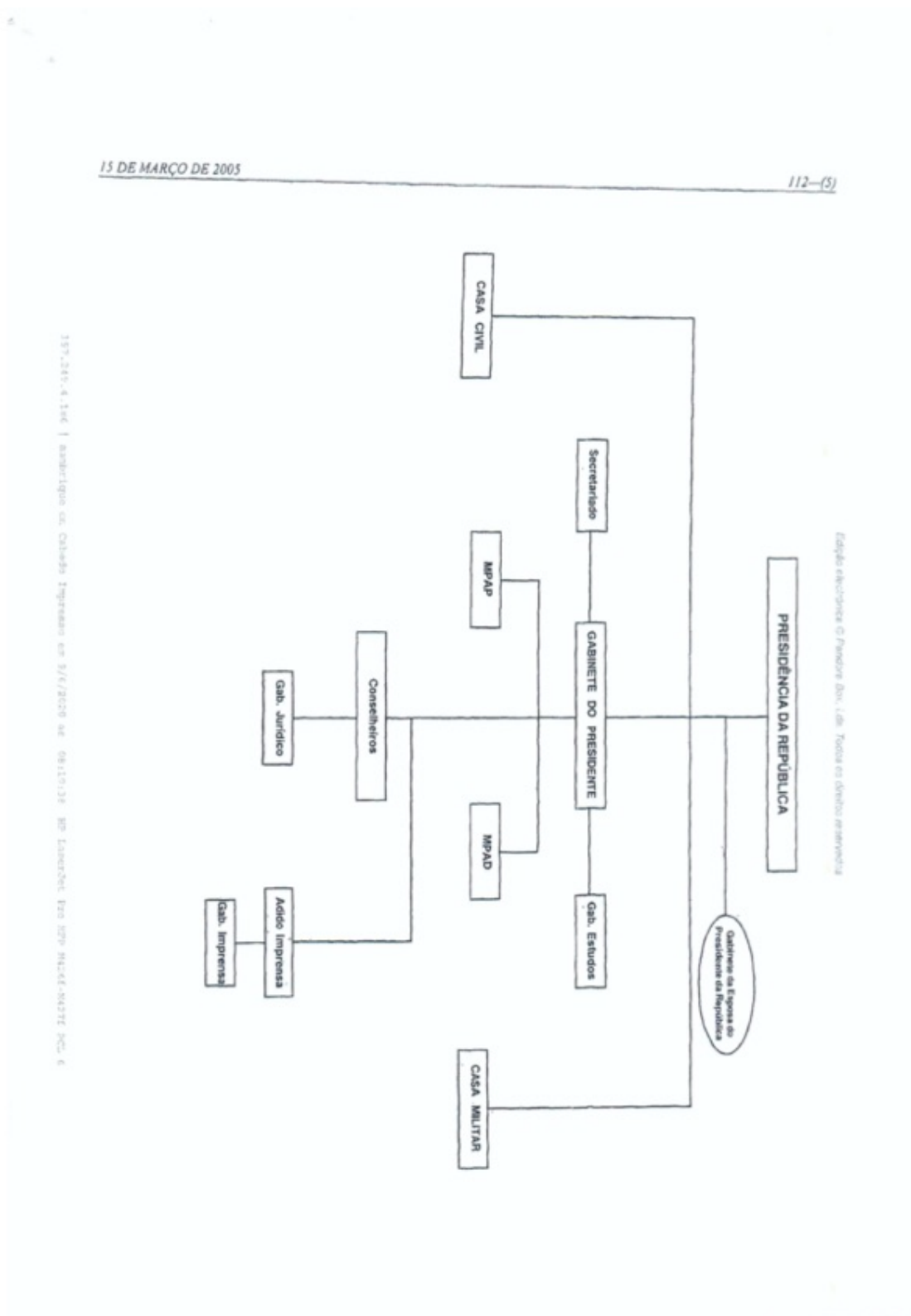
				emancipação da mulher e o seu empoderamento económico para erradicação da pobreza;
3	Notícias	3.03.2016	1ªDama destaca avanços na emancipação da mulher	Isaura Nuysi lança celebrações do mês da Mulher e defende mais igualdade de género
4	Notícias	23.12.2017	Parceiros renovam apoio a projetos	Parceiros nacionais e internacionais renovam apoio ao Gabinete da 1ª Dama
5	Notícias	18.06.2018	Atuação complementa programas do governo	Isaura Nuysi desloca-se a Nampula e faz entrega de material da UNICEF, refere num comício a importância do empoderamento da mulher e o aumento da produção;
6	Noticias	s/data	primeira-dama apoia pessoas carentes	Gabinete da 1ª Dama angaria 48 toneladas de produtos para vítimas de seca e vendáveis em Boane;
7	Noticias	s/data	O investimento que há muito se esperava	Seminário sobre restaurantes comunitários com apoio da Agência Brasileira de Cooperação

2) Página Facebook

<https://www.facebook.com/NyusiFirstLady/>

3) Boletins informativos do Gabinete da Primeira-dama

ANEXO B (Organograma Presidente da República de Moçambique)



Questionário:

QUESTÕES (Primeiras Damas)
-Dados biográficos (nome, data de nascimento, formação, profissão, percurso militar ou outro)
- Como foi ser a única mulher governante do primeiro Governo de Moçambique Independente?
- Quais os desafios da Educação em Moçambique em 75?
- O seu cargo de ministra sobressaiu-se ao de Primeira Dama?
- Acompanhou o Presidente Samora em viagens ou eventos oficiais como esposa?
- Tinha compromissos como primeira Dama? Quais?
- Na altura o título era usado?
- O que significa ser primeira dama de Moçambique?
- O que mais lhe marcou?
- Quais os deveres e responsabilidades de uma primeira dama?
- Como é exercer cargo?
- Quais as principais dificuldades?
- Que meios tem para exercer as suas atividades?
-
- Como era constituída a equipa de trabalho?
- Que serviços presta o Gabinete da Primeira Dama?
- As primeiras damas têm a sua própria agenda de trabalho? Quem elabora?
- Quais as prioridades de desenvolvimento?
- Tem a possibilidade de tomar e executar as suas decisões?
- Que atividades ou ações considera que foram as mais importantes que tomou? Que impacto tiveram na vida dos moçambicanos?
- Que papel acha que teve e que foi mais importante? Político ou social?
- Que privilégios tem como Primeira Dama?

- Sempre viajou com o seu esposo? Para onde?
- Representou o em viagens ou eventos oficiais? Quando e onde?
- Os trabalhos das primeiras damas têm continuação? A que vier a seguir dá continuidade ao que foi feito pela antecessora?
- Qual o poder ou influência da Primeira Dama moçambicana na região?
- Em que eventos regionais participou e quais os temas importantes na sua era?
- Sente-se uma referência para a mulher moçambicana?
- De que forma contribui para sua emancipação e empoderamento da mulher?
- Em que fase acha que se encontra a luta da mulher moçambicana?
- Como primeira dama poderia fazer mais para melhorar a condição da mulher?
- Depois de deixar de ser primeira dama o que pensa fazer?
- Continua envolvida no trabalho político ou social? De que forma?
- Como é viver no Palácio Presidencial?
- Quem organiza e decora o espaço?
- Quem gere os funcionários?
- Como é organizar o jantar presidencial?
- O que mais gostou de fazer enquanto primeira dama?

Questões para chefes de gabinete e assessores
- Dados biográficos, profissão?
- Para quem trabalhou e durante quanto tempo?
- Quais as suas funções?
- Como foi trabalhar para a Primeira Dama?
- Como define a relação de trabalho?
- Que tipo de tarefas executava?
- Qual o papel da primeira dama? Que deveres lhe competem?
- Que ações destaca da primeira dama com quem trabalhou?
- Quem elaborava a agenda da primeira dama?
- Quais as prioridades da agenda?

- Quais as áreas mais em foco?
- Que visitas realizou? Acompanhou sempre a Primeira Dama?
- Que balanço faz do trabalho da 1ª Dama?
- Que contributo acha que trouxe para o desenvolvimento social?
- E para a emancipação da mulher em particular?
- Que dificuldades acha que as Primeiras Damas enfrentam?
- Como se relaciona o trabalho da 1ªa dama com o Ministério do Género, Criança e ação Social?
- Não existem atritos ou repetição de ações entre ambas as instituições?